
O CREPÚSCULO DOS DEUSES - GÖTTERDÄMMERUNG



Siegfried.....Tenor
Günther, rei dos Gibicungos.....Barítono
Alberich.....Baixo
Hagen, filho de Alberich, meio-irmão de Günther...Baixo
Brünnhilde.....Soprano
Gutrune, irmã de Günther.....Soprano
Waltraute, uma valquiriaMeio-soprano
Três Nornas, divindades, filhas da deusa Erda:
Erste Nom.....Contralto
Zweite Norn.....Meio-soprano
Dritte Norn.....Soprano
Woglinde }.....Soprano
Wellgunde } Rheintochter (filhas do Reno).....Soprano
Flosshilde }.....Contralto

Orquestração: como em Das Rheingold, porém com tambor e clock. **Palco/bastidores:** berrantes, trompas, 4 harpas.

Prólogo, em duas Cenas. Primeira Cena:

O pano levanta-se durante a execução do prelúdio, e o cenário é o penhasco da Valquíria. É noite.

As três Nornas (as três Parcas ou representantes do destino, na mitologia teutônica e norueguesa), filhas de Erda, a Deusa da Terra, procriadas ainda antes da criação do mundo, tecem o fio do destino. Enquanto elas tecem, atando a corda a um ramo de um pinheiro, depois substituído por uma pedra, contam de forma cheia de circunlóquios e de maneira envolvente, uma série de eventos, que a seguir se resumem.

“A primeira Norna relembra que, há muito tempo, enquanto trabalhavam, tinham atirado a corda sobre a árvore da sabedoria do mundo, chamada Freixo do Mundo, e aos pés deste jorrou uma fonte, que murmurava sabedoria (no sentido do conhecimento rigoroso da verdade, do justo conhecimento, do saber universal). Certo dia, Wotan, eleito Rei dos Deuses, foi beber à fonte, dando em penhor um de seus olhos, e cortou para si um galho da árvore da sabedoria, dele fazendo uma lança, no dorso da qual registrou, em rúnicas, os tratados da aliança, a serem honrosamente respeitados, e em virtude dos quais, tornar-se-ia o soberano do mundo. Reunindo o Conselho dos Deuses, sem a participação das deusas, inclusive de Fricka (para casar-se com esta, Wotan deu em penhor seu outro olho, sem sacrificá-lo), Wotan decidiu encarregar os gigantes Fasolt e Fafner de construírem para ele uma fortaleza - o Valhalla, a morada dos deuses - , que deveria ser defendido pela guarnição dos heróis mortos em batalha. As valquírias, donzelas filhas de Wotan e de Erda(pelo menos a primeira delas, Brünnhilde), ficariam encarregadas de trazerem do campo de batalha os heróis mortos. Como pagamento do trabalho dos gigantes, Wotan prometeu presentear-los com Fréia, deusa da beleza e da juventude, todavia, confiando na esperteza ilusória de Loge, Deus do Fogo, não tinha Wotan, de maneira alguma, a intenção de cumprir promessa. Quando o palácio ficou pronto e houve a cobrança do prometido pagamento, Wotan, a conselho de Loge e juntamente com este, iludiu Alberich, senhor dos ferreiros-anões, os Nibelungos, apossando-se indevidamente de suas reservas de ouro, e com este tesouro pagou a dívida com os gigantes, livrando Fréia. A partir desse momento, a árvore da sabedoria começou a murchar e a fonte a dessecar-se. A segunda Norna canta como um corajoso herói quebrou a lança de Wotan numa batalha próximo ao rochedo da Valquíria. O deus mandou que os heróis do Valhalla cortasse o Freixo em pedaços e os colocassem em volta da fortaleza. A terceira Norna descreve como as toras foram empilhadas em torno do Valhalla, passando os deuses e heróis a aguardar o dia em que elas pegariam fogo, consumindo a própria fortaleza. A primeira Norna diz ver o fogo crepitando em torno do penhasco da Valquíria, e que Loge cumpriu a ordem de Wotan. Numa visão de Alberich, as Nornas mostram-se tristes e angustiadas, e a corda que tecem, atada a uma pedra, rompe-se, apagando-se a ilustração da sabedoria do mundo. Elas mergulham na terra, para junto da mãe”.

Uma síntese retrospectiva:

O tesouro dos Nibelungos incluía um anel mágico, cujo ouro tinha sido roubado por Alberich às filhas do Reno, encarregadas de sua guarda. Depois de saber delas o poder de um anel fabricado com aquele ouro, para quem renunciasse eternamente ao amor, ele fez o juramento e conseguiu fundir o famoso Anel que lhe daria, como único possuidor, a soberania absoluta do mundo. Mas, Alberich, primeiro quis foi escravizar o povo nibelungo, para retirar da terra mais ouro e fabricar peças artesanais, adornos, etc., e só futuramente empreender a derrocada dos deuses. Privado do anel por Wotan e Loge, Alberich lançou sobre o mesmo

uma maldição, que resultaria na morte de quem o possuísse e de inveja a quem não o possuísse.

Durante o grande prólogo do Anel do Nibelungo, a maldição de Alberich já havia feito vítimas, e somente Wotan tinha conseguido dela escapar quando, a conselho de Erda, deu o anel aos gigantes para poder salvar Freia, prometida em pagamento da construção do Valhalla. Desde então, sabendo que o poder maléfico do anel não poderia ser rompido, a não ser que o mesmo fosse devolvido às filhas do Reno, Wotan passou a empregar todos os esforços e poderes para que essa devolução viesse a se concretizar. Mas, Alberich, sabendo desse propósito, além de ficar permanentemente em guarda junto à Gruta de Inveja, fez de tudo para conquistar a rainha dos Nibelungos, Grimhilde, fazendo dela nascer do desamor um filho, Hagen, educado e instruído para opor-se a Siegfried, e obter o Anel para o pai, a fim de que este possa herdar o mundo. Hagen jura obediência ao pai.

Por ter Brünnhilde tentado pôr em prática o desejo secreto de seu pai, em desafio à sua vontade expressa, Wotan resolveu aprisioná-la num rochedo, onde ficaria, adormecida, circundada pelo fogo de Loge. Ali, ela teria de permanecer inviolada até que chegasse o tempo em que um herói, que desconhecesse o significado do medo, viesse a acordá-la. Siegfried, filho dos gêmeos Siegmund e Sieglinde, estes filhos de Wälung, apareceu, então, pronto para libertar Brünnhilde. Com sua lança, Wotan tentou barrar a passagem do jovem herói para o rochedo envolto em chamas, sobre o qual a jovem de beleza sem par estava adormecida. O poder da lança foi quebrado pela espada de Siegfried, após o que o jovem seguiu seu caminho, até ali mostrado por um pássaro, sem encontrar qualquer oposição. Foi quando Wotan despachou os heróis do Valhalla para cortarem em pedaços o tronco e os galhos da árvore da sabedoria, ressecada, e determinou que as toras fossem empilhadas em volta da fortaleza. A fonte da sabedoria secou para sempre.

Agora, Wotan está sentado no Valhalla, rodeado por todos os deuses e os heróis, esperando que chegue o seu fim. As profecias da segunda Norna diziam que ele, um dia, iria imergir sua lança quebrada no peito de Loge e que depois iria jogá-la no meio dos troncos empilhados em volta da fortaleza. Essas imaginações sombrias, juntamente com o pensamento do ouro roubado e ainda não devolvido às suas guardiãs de direito, isto é, às filhas do Reno, turbam, na Primeira Cena, as mentes das Nornas e anuviam sua visão, ao ponto de não mais poderem saber claramente o curso dos eventos. A segunda Norna percebe que o rochedo está consumindo a corda e que a trama está começando a se embarçar. A corda está lenta demais, quando as três irmãs tentam tecer e reforçá-la, mas a mesma se rompe. Chorando porque a sabedoria eterna está terminando, tornando-as privadas de falar ao mundo, elas voltam novamente ao seio da mãe Erda - a deusa da terra - e desaparecem.

Na Segunda Cena, o dia começa a clarear, quando Brünnhilde e Siegfried saem da caverna do rochedo, onde eles permaneceram durante sua primeira noite de núpcias. Brünnhilde exorta a Siegfried, embora com certa mágoa, para que ele vá cumprir outros feitos heroicos e de valor. Por meio de passes mágicos dela conhecidos, faz com que o corpo de seu amado se torne invulnerável. Após trocas e juras de amor e de eterna felicidade, Siegfried presentea Brünnhilde com o anel no Nibelungo, que ele obteve quando trucidou o gigante Fafner, transformado em dragão. Brünnhilde dá-lhe em troca o seu cavalo Grane. Após mais uma

cena de amor e de adeus entre os dois, Siegfried parte e o pano cai. Segue-se o famoso trecho orquestral, conhecido como a viagem de Siegfried ao Reno. Quando o pano se levanta, sobre o 1o Ato propriamente dito, somos transportados para o hall dos Gibicungos, às margens do rio Reno. O hall está aberto em sua parte posterior; a praia e o rio caudaloso podem ser vistos. Gunther e Guttrune, filhos de Grimhilde, a agora já falecida rainha dos Gibicungos, estão em conferência com seu meio-irmão Hagen, filho de Alberich, que tinha ficado atraído pelas riquezas de Grimhilde. Gunther está perguntando acerca da situação atual dos Gibicungos sobre a terra, os quais auferiram um extraordinário desenvolvimento. Hagen aduz que sua fama não é tão brilhante como poderia ser, se os dois irmãos estivessem casados com partidos esplêndidos; e fala sobre Brünnhilde, a semideusa, adormecida numa rocha rodeada de fogo. Gunther revela-se entediado por seus nervos não serem suficientemente fortes para permitir-lhe enfrentar os perigos até chegar a acordar e ganhar como esposa Brünnhilde. Por que o irmão veio atormentá-lo com esse sonho irrealizável? Todavia, o hábil Hagen diz a Gunther que Siegfried poderá cumprir o feito, no lugar dele - e se expande em explicar os feitos e a bravura do jovem herói. Se lhe for dada a mão de Guttrune, ele fará o favor a Gunther com certeza prazerosamente. Hagen silencia as modestas dúvidas de Guttrune, aconselhando-a a lembrar-se de certa poção mágica que eles possuíam, a qual iria causar o esquecimento em Siegfried, de toda e qualquer outra mulher que não fosse ela, Guttrune. Gunther está deliciado com o plano e elogia sua mãe Grimhilde por ter-lhe dado um irmão tão inteligente e dotado de tanta sabedoria.

Quando o dia começa a clarear, Alberich, que estava instruindo o filho e dele exigindo fidelidade, desaparece. É quando surge ao longe, por trás de uma moita, Siegfried. Hagen olhando para o lado do rio percebe a aproximação de Siegfried, que vem em um barco com seu cavalo, tocando alegremente em seu corno. Cumprimentado por Hagen, Siegfried diz estar à procura do corajoso filho de Gibich. E assim Siegfried é acolhido na praia com boas vindas. Descendo à terra, seu primeiro pensamento é para o nobre cavalo Grane, que deve ser bem cuidado e acolhido. Quando Gunther, educadamente, põe a si mesmo e a tudo o que possui ao serviço de Siegfried, este exclama os protestos de sua pobreza, assim oferta a si mesmo e à sua espada em troca do oferecimento recebido. Hagen interrompe-o para lembrar-lhe astuciosamente do tesouro do Nibelungo, que o jovem herói tem em seu poder, mas que ele tem em tão baixa estima e que deixou tudo na caverna do dragão morto - o cadáver do monstro bloqueando a entrada da caverna - e lembra-lhe de que porta um certo objeto de malha metálica, cujo uso benéfico ainda não se inteirou. Hagen reconhece o objeto, como sendo o Tarnhelm que, ao ser utilizado, poderá mudar o homem que o use em qualquer forma que o queira, ou transportá-lo em um abrir e fechar de olhos, até o fim do mundo. O elmo também pode conferir a invisibilidade a quem o possuir. Um anel, responde Siegfried, agora em posse de uma maravilhosa mulher; e neste ponto aparece Guttrune, trazendo um corno para bebidas, que ela oferece a Siegfried. Bradando para Brünnhilde, o herói bebe um longo trago, e então todas as lembranças dela lhe fogem da mente, seu olho cai sobre Guttrune. Tomado por súbita e incontrolável paixão, Siegfried volta-se para Gunther e pede-lhe para conhecer o nome de sua irmã. Sabendo que se trata de Guttrune, Siegfried toma a moça pela mão e lhe faz uma ardente confissão. Guttrune modestamente baixa os olhos e deixa o hall. Siegfried indaga a Gunther se ele é casado. - Ainda não, responde. E Gunther admite ter posto os olhos e

o coração sobre uma esposa que é difícil dela se aproximar e que é praticamente inatingível. A descrição da moradia da mulher desejada - um rochedo envolvido em chamas não traz à memória de Siegfried nenhum sinal de reconhecimento. Pergunta o que poderia ser negado a Gunther, estando ele - Siegfried - ao seu lado. E oferece-se para conquistar Brünnhilde para ele, se Günther lhe conferir a mão de Gutrune, em troca. Usando o Tarnhelm, Siegfried poderá tomar a aparência de Gunther. O negócio é fechado, e os dois homens concordam em jurar uma fraternidade de sangue. Hagen enche um corno com vinho. Siegfried e Gunther picam seus braços com a ponta de suas espadas e os colocam para cima do corno, de modo que o sangue deles se misture com o vinho, e o juramento é feito. Siegfried e Gunther apertam as mãos, enquanto Hagen, com sua espada, divide em dois pedaços o corno. Quando Siegfried se volta para lhe perguntar por que ele não tomou parte no juramento, Hagen se livra de responder diretamente, dizendo que seu sangue é frio e estagnante, e não nobre e orgulhoso como o deles; assim, teria gelado e estragado o juramento. Impaciente para voltar a ter sua esposa prometida, Siegfried apressa Gunther para partirem, ao passo que Hagen é deixado como guarda do hall, e informa Gutrune do escopo de sua expedição, dizendo-lhe que Siegfried deverá ser seu marido. Exultante de felicidade, Gutrune volta para os seus aposentos.

Deixado só, Hagen medita sobre tudo que aconteceu, enquanto que os dois viajantes pensam que estão cumprindo uma empresa para conseguir o que desejavam, eles estão, na verdade, cumprindo os desígnios de Hagen, ou seja, trazer-lhe o Anel - o anel mágico de seu pai - pois é com esta finalidade que Hagen arquitetou toda a empresa.

Após um interlúdio orquestral de ligação, a segunda cena do 1o Ato nos leva novamente ao rochedo da Valquíria. Brünnhilde está sentada à entrada da caverna e olha para o anel, perdida em seus pensamentos de lembrança de Siegfried. Ela ouve o som dos passos de um cavalo de Valquíria que voa em seu caminho pelos ares. Trata-se de sua irmã Valquíria, Waltraute, e Brünnhilde pensa o que pode ser que induziu a irmã a quebrar a severa proibição de seu pai, imposta a suas companheiras, as Valquírias, ao tempo em que Brünnhilde caiu em desgraça - ou seja, que as outras irmãs nunca mais deveriam vê-la. Teria sido, por acaso, que Waltraute deveria dividir com ela sua presente felicidade? Waltraute está horrorizada com o que ela considera a leviandade da irmã, pois veio até ali - às escondidas de Wotan, desafiando seu temido comando - para contar a Brünnhilde o infeliz estado de coisas existente no Valhalla, e que a enche de consternação e temor. Desde a partida de Brünnhilde, Wotan cessou de enviá-la juntamente com as outras irmãs aos campos de batalha, em busca de heróis para o Valhalla. Longo tempo ele vagueou sozinho na terra, voltando um dia, com sua lança quebrada. Tendo mandado os heróis empilhar as estacas retiradas da árvore da sabedoria em volta do Valhalla, ele chamou o conselho dos deuses, e permanece o tempo todo sentado em seu trono, silenciosamente, não mais provando as maçãs de Fréia, que conferem a imortalidade aos deuses. E ainda despachou seus dois corvos, anunciadores da morte, para efetuar alguma missão, da qual os dois ainda não voltaram. Uma vez, quando Waltraute chorava apoiada em seu ombro, ela viu a face paterna se suavizar e compreendeu que ele estava pensando em sua filha Brünnhilde, a sua favorita. Como em sonho, ele murmurou que se Brünnhilde devolvesse o anel às filhas do Reno, o mundo seria libertado da maldição da jóia. Assim, Waltraute tinha ousado partir, para vir pedir à irmã que fizesse a devolução do ouro do Reno às suas guardiãs,

as Ninfas. No início, Brünnhilde, muito perplexa, mal pode compreender o que está sendo pedido para ela, mas quando compreende, ri no rosto da irmã. O anel que lhe foi dado por Siegfried significa para ela mais do que todas as glórias e, também, do que todas as agonias dos deuses. Achando sua irmã tão firme em seus propósitos, Waltraute parte, entristecida e cheia de exprobações.

A noite cai. Os fogos que rodeiam o rochedo se levantam subitamente e queimam mais brilhantemente. Brünnhilde pergunta-se por quê? O som de um corno é ouvido no vale abaixo. Ela se levanta para dar as boas vindas ao seu amado herói. Siegfried, transformado no semblante de Gunther pelos poderes mágicos do Tarnhelm, que ele traz em sua cabeça, abre caminho através das chamas envolventes, que se esgueiram à sua passagem. Brünnhilde se apercebe de ter sido traída. Falando com a voz de Gunther, Siegfried a pede em casamento, anunciando ser Gunther, o rei dos Gibicungos. Apesar dela ameaçá-lo com o poderoso anel, seu poder prova ser impotente e Siegfried/ Gunther consegue tirar o anel do dedo de Brünnhilde. Quando ele a conduz diante dele dentro da caverna, o jovem herói tira do forro a espada - a espada mágica que Wotan conferiu a seu pai Siegmund - e a coloca entre Brünnhilde e ele, chamando-a testemunho de sua lealdade para seu irmão de sangue. O pano cai.

Quando o pano se levanta, novamente, sobre o II Ato, a cena nos apresenta um espaço aberto perto da habitação dos Gibicungos, sobre os bancos de areia do Reno. É noite. Hagen jaz dormindo um sono atormentado, apoiado a um dos pilares do suporte do hall. Seus olhos estão abertos. Seu pai - o nibelungo Aberich - está inclinado sobre ele. Ele está urgindo seu filho para não relaxar nos esforços para entrar na posse do anel. Wotan, que aviltantemente o tinha roubado a ele, não mais é perigoso; seu poder foi perdido em favor do último filho dos Wälsungen, a raça que ele mesmo gerou para que executasse para ele seus escopos; o deus está agora sentado à espera do seu fim. Siegfried, que se tornou dono do anel após ter morto Fafner, nada sabe sobre os poderes da jóia, tendo-a doado a Brünnhilde, como presente de casamento. Ela, porém, é sábia . Alberich se afasta.

Hagen vê a chegada de Gunther, trazendo a sua noiva prometida. Soprando com força um corne de boi, conclama os vassalos do clã dos nibelungos, para organizarem a dupla festa de casamento. Em um primeiro momento, os vassalos entendem que está por acontecer algum desastre ou perigo de guerra e acorrem pressurosos, mas, gradualmente, eles se dão conta, com rude hilariedade, que a razão pela qual foram chamados não é porque suas espadas estão sendo requeridas, mas para efetivarem sacrifícios aos deuses, em favor dos noivos: para Wotan, um cavalo; para Froh, um urso; para Donner, uma cabra; a para Fricka, um cordeiro. Hagen proclama aos vassalos a dignidade de Brünnhilde e a bravura de Siegfried. Os homens do clã entendem que isto deve ser um bom presságio, pois Hagen, que sempre está mal-humorado, agora transparece alegria e bom humor. Após a realização da trama criada por Hagen, Günther e Brünnhilde descem do bote e são ruidosamente cumprimentados pelos homens reunidos à frente do palácio de verão do rei dos gibicungos. Gunther, em termos os mais brilhantes, apresenta a sua esposa e volta-se para dar as boas vindas a Siegfried e Guttrune. Brünnhilde, visivelmente contrafeita e perturbada, endereça um olhar de estupefação para Siegfried. Todos os presentes notam a sua emoção. Ela fica incrédula por não a haver Siegfried reconhecido, e é informada por Gunther que sua irmã irá casar-se com o jovem he-

rói. Ela mira o anel no dedo de Siegfried, que lhe foi retirado à força, e fica mais contrafeita e enraivecida. Hagen é cuidadoso em dirigir a atenção dos vassalos para o que Brünnhilde irá revelar. Ela pergunta como Siegfried obteve o anel de Gunther, mas este último nega nunca haver retirado o anel das mãos dela: Ela acusa, então, Siegfried, de haver roubado o anel que lhe dera. O maravilhado Siegfried, pacientemente, explica como chegou a possuir o anel, não de mulher alguma, mas do poderoso dragão que, com a Nothung, tinha morto em batalha. Hagen intromete-se maliciosamente, fazendo um discurso sobre os efeitos da traição. Brünnhilde apela aos deuses por vingança, e quando Gunther quer protestar com ela, ela o chama de traidor, ele mesmo traído, e então continua a lançar as maiores imprecizações contra Siegfried. Este último segura sua espada, a Nothung, para testemunhar que não quebrou sua fé e, no meio da confusão e maravilha geral, oferece-se para jurar sobre qualquer espada que lhe seja oferecida. A este ponto, Siegfried afirma sua lealdade ao juramento, e se por acaso ficar comprovado que foi desleal que ele venha a encontrar a morte, em razão do perjúrio, sobre a ponta da mesma lança. A furiosa Brünnhilde tira a mão dele da ponta da lança, e substituindo-a com a própria, abençoa a lança, a fim de que a mesma possa matar o traidor. Ao mesmo tempo, os homens do clã estão invocando Donner, o deus do trovão, para que ele vingue a vergonha. Siegfried diz a Gunther para que controle sua esposa e sugere que deveria fazê-la retirar-se dali até que ela se acalmasse um pouco. Ao mesmo tempo, ele exprime seu desgosto pelo que aconteceu - o disfarce dado pelo Tarnheld deve ter sido incompleto. Voltando-se para os homens do clã, ele os convida a acompanhá-lo e à sua esposa para a festa de casamento.

Quando todos, menos Brünnhilde, Hagen e Gunther, entram no hall, Brünnhilde grita para saber quem a ajudará em sua miséria e terrível aflição. Hagen se oferece. Ele a vingará do homem que a decepcionou e traiu. Quem pode ser ele? pergunta Brünnhilde. Quando Hagen responde: “Siegfried”, ela escarnece seus débeis esforços diante de um herói sem par como é Siegfried. Hagen astuciosamente implora seu conselho. Ela sussurra para Hagen que, quando tornou invulnerável o corpo de Siegfried, sabia que ele nunca teria dado as costas ao inimigo em face de um perigo, por isso omitiu-se de salvaguardar aquele ponto. “Aí a lança irá golpear”, diz Hagen. Ele agora tenta reunir-se a Gunther, que fica apoiado a uma coluna, cheio de vergonha e tristeza. Brünnhilde cumula seu desprezo sobre o infeliz gibicungo. Desabafando que seu predicamento é de ser enganador e enganado, ele pede a ajuda a Hagen. Este último lhe diz que somente a morte de Siegfried pode ser de utilidade, e é lembrado por Gunther que há um juramento de fraternidade de sangue entre ele e Siegfried. Uma ligação rompida pede por sangue. Mas Gunther se proclama inseguro para o fato de Siegfried ter rompido sua ligação ou se, na realidade, ele alguma vez o tenha traído. Brünnhilde, todavia, não tem dúvida nenhuma. Tomando Gunther de lado, Hagen murmura em seu ouvido que um poder nunca sonhado poderá ser dele se puder apoderar-se do anel; e isto pode ser somente alcançado com a morte de Siegfried. “Anel da Brünnhilde”, diz Gunther, mas Hagen lhe responde: “O Anel dos Nibelungos”. Gunther teme pelo choque que Guttrune pode sofrer se eles efetivarem o projeto e a intenção de matar seu marido recém-casado, e assim Hagen contorna o problema, sugerindo uma caçada e que um urso selvagem o matou; finalmente Gunther está de acordo. Brünnhilde e Gunther juram se vingar, ao passo que Hagen exulta de seu antecipado triunfo.

Gunther e Brünnhilde agora entram no hall mas são esbarrados pela procissão nupcial, que está saindo. Tomando pela mão sua proposta esposa, Gunther alcança Siegfried e Guttrune e os jubilantes homens do clã. O pano cai.

Quando o pano se levanta novamente, no início do III Ato, na Primeira Cena, pode-se ver um vale rochoso e denso de árvores, ao longo do Reno. As três filhas do Reno, Woglinde, Wellgunde e Flosshilde, estão nadando à clara luz do sol. Enquanto elas nadam, os tempos felizes e livres de cuidados do passado são recordados, quando o ouro do Reno estava sob seus cuidados.

Parece que estão prevenido a chegada de um herói. Quando surge Siegfried, por trás de uma moita, acima do banco do rio, as três desaparecem para dentro d'água. O herói perdeu a pista de sua caça, e durante a busca separou-se do resto de seus companheiros. Elevando-se à superfície da água, as filhas do Reno cumprimentam Siegfried, chamando-o pelo nome, e, se bem que gentilmente, o atormentam um pouco. Perguntam a ele o que estaria disposto a dar-lhes em troca da informação da pista segura de sua perdida caça. Ele nada tem para dar, responde às moças, porque ainda nada matou. Todavia, as três miram o anel no dedo de Siegfried. Este, responde ele, foi conquistado quando matei um poderoso e temido dragão, e não seria uma troca adequada por uma mísera pele de urso! Elas o repreendem pela sua avareza, e então, achando que não conseguem impressioná-lo, desaparecem mais uma vez para o fundo do rio. Siegfried olha irresoluto para o anel e chama, das profundezas da água, as moças, para que reapareçam. Mas, ao voltarem à superfície, as filhas do Reno cometam o erro fatal de fazer com que o sangue de Siegfried corra friamente, ao abordarem a maldição do anel, predizendo-lhe sua iminente morte. Imediatamente, o herói, com modo rústico, volta atrás da palavra dada. Ele se vangloria da espada mágica que possui. Somente deu ouvidos às adulações delas, e não será intimidado pelas suas ameaças! E assim as três filhas do Reno se despedem dele - que se mostra tão obtuso e tão incompreensivo profetizando que uma corajosa e sábia mulher herdará o anel dele nesse mesmo dia, e que ela dará para elas melhor ouvido do que ele. Enquanto Siegfried fica olhando tristemente para as filhas do Reno, medita que se sua lealdade não estivesse empenhada com Gurtune, estaria bem contente em possuir uma das três graciosas adadoras.

Agora as vozes de Hagen e dos vassallos são ouvidas à distância e Siegfried é logo alcançado pelos companheiros de caça. Todos sentam para descansar e comer. Siegfried relata sua falta de sorte. O habilidoso Hagen pergunta-lhe acerca de sua reputada habilidade em entender a linguagem dos pássaros. Siegfried admite, faz muito tempo, que deu ouvido ao canto dos pássaros, desde que ele começou a dar ouvido ao canto das mulheres! Reparando no olhar desencorajado de Gunther, ele pergunta a Hagen se por acaso é Brünnhilde a causa da tristeza de seu cunhado. Ele se oferece para alegrar Gunther com contos de sua juventude, e começa a contar a história de Mime, o ferreiro-anão dos Nibelungos, para o qual o jovem herói tinha sido obrigado a forjar a espada paterna, Nothung (que significa Necessária), e, ainda, de como o anão o tinha levado à caverna do dragão (Neidhöhle, ou seja, a caverna da inveja), cujo habitante, ele, Siegfried, trucidou, e de como, quando o sangue do dragão se derramou pelos seus dedos, começou a queimá-los, e ainda como, ao por seus dedos queimados na boca, imediatamente, ao provar o sangue do dragão, compreendeu que podia entender o significado

do canto dos pássaros. Um falou-lhe do tesouro que tinha sido guardado pelo dragão (na realidade, o dragão era Fafner, o gigante, em forma de dragão). O pássaro avisou-o da maldade de Mime e de sua traição, o qual o tinha criado somente para que ele pudesse matar o dragão e tornar-se, ele mesmo, proprietário do anel. O feito, agora cumprido, dava a Mime a oportunidade de projetar sua morte; desta forma, quando Mime dele se aproximou com palavras melosas, ele entendeu muito bem o significado, e quando lhe ofereceu uma bebida drogada, o atravessou com sua espada, matando-o. Os vassalos, atentíssimos ao conto, pedem para conhecer o que mais o pássaro tinha-lhe dado a conhecer. Nesse momento, Hagen oferece a Siegfried um corno de bebida, no qual ele pôs uma poção mágica que iria mudar o efeito da precedente poção do esquecimento. Tendo tomado um longo gole, Siegfried continua o conto e esclarece como conquistou Brünnhilde. Gunther está aterrorizado. Nesse exato momento, os dois corvos negros de Wotan, precursores da morte, voam em círculo por cima de Siegfried e se dirigem, depois, em direção ao Reno. Hagen pergunta a Siegfried se ele também entende o significado do voo em círculo dos dois corvos, e quando Siegfried se volta para examinar os pássaros, Hagen aproveita a oportunidade para fazer penetrar sua lança nas costas do herói, gritando ao mesmo tempo: “Para mim, eles clamaram, por vingança!” Os homens do clã estão horrorizados e maravilhados. Dizendo que vingou um perjúrio, Hagen vai embora desdenhosamente. Gunther e os homens do clã se aproximam de Siegfried, mortalmente ferido, que morre vendo umas visões de Brünnhilde cintilante, dando-lhe boas vindas. Gunther então determina aos vassalos para levantarem o corpo de Siegfried sobre seus ombros, e de levá-lo para casa. Ao baixar a cortina, ouve-se a passagem conhecida como Marcha Fúnebre de Siegfried, composta de temas conectivos ao herói e aos seus feitos.

A Segunda Cena leva-nos novamente ao hall dos Gibicungos. É noite. Guttrune, impaciente, sem descanso, e incapaz de dormir na ausência de Siegfried, sai do hall. Ela teve maus sonhos e tem medo de Brünnhilde. Descobrindo que o quarto desta última está vazio, Guttrune imagina que deve ter sido sua nova cunhada quem ela viu há pouco descer para o rumo do Reno. De repente, é ouvida a voz de Hagen, chamando de fora: estão trazendo os despojos da caçada. Quando os homens do clã trazem em cena o corpo morto de Siegfried, a pobre Guttrune desmaia depois se revolta contra Gunther, que por sua vez a informa que quem matou seu marido foi Hagen. Mas Hagen, não comovido, vangloria-se de seu feito e avança para se apoderar do anel, como por direito de conquista. Quando Gunther discute com ele assegurando que o anel pertence à irmã, como viúva do marido morto, Hagen toma novamente a espada e mata seu meio-irmão. Gritando triunfalmente “o Anel me pertence!”, está para se apossar dele, mas o braço de Siegfried se levanta ameaçadoramente, impedindo-lhe de pegar a jóia.

Agora, a trágica e majestosa figura de Brünnhilde entra no hall. Quando Guttrune a repreende por ser a causa de todas as suas infelicidades, Brünnhilde redargue que Guttrune nunca foi a esposa legal de Siegfried, mas tão somente ela, Brünnhilde, e ela agora vê plenamente até que ponto Siegfried tinha sido enganado pelas vilezas de Hagen e pela bebida drogada. Ela ordena aos vassalos para prepararem uma Pira Funerária, como convém a um herói dentre os mais bravos. Grane deve ser trazido para seguir Siegfried na morte. Então ela canta uma grande e solene canção fúnebre, em vindicação explanatória da honra de Siegfried e de

cada um dos seus heroicos feitos. Ela exproba a Wotan, como sendo o instigador e causa das más ações fingidas do herói, pois Siegfried tinha servido de instrumento através do qual o deus tinha se servido para a desejada redenção do mundo, contra a maldição do anel. Enquanto os vassallos levantam o corpo de Siegfried sobre a pira, ela retira o anel do dedo do herói morto, e clama pelas filhas do Reno, enquanto se apodera do anel, dizendo que somente retém a jóia para poder devolvê-la para quem de direito. “Possa o fogo que a irá consumir limpar o anel de sua maldição!”. Tomando uma tocha da mão de um dos vassallos, ela dá início à sua última grande apóstrofe. Ela ordena aos dois corvos de Wotan para que retornem à sua morada, voando primeiro para o rochedo da Valquíria, onde o fogo de Loge ainda está queimando, e que peçam ao deus do fogo para se apressar em ir ao Valhalla. Ela irá lançar a tocha ardente para a gloriosa cidadela. Resoluto cumprimenta Grane, o cavalo, que foi trazido conforme seu comando para, juntamente com ela, seguir Siegfried na pira. Então, com o último grande grito “Siegfried, vê, tua esposa te cumprimenta jubilosamente!”, ela monta na sela sobre Grane, e o cavalo e a valquíria entram na pira ardente.

As águas do Reno se levantam e extravasam as bordas do rio, trazendo à tona as filhas do Reno, na crosta de suas ondas. À vista delas, Hagen se joga furiosamente nas águas, gritando: “Deixem o anel!” Mas, Woglinde e Wellgunde o levam para a profundidade das águas, enquanto sua irmã Flosshilde apodera-se triunfalmente do anel. As águas retrocedem. Nos céus, o Valhalla, com a assembleia dos deuses, pode ser visto em poder das chamas devoradoras.

PRÓLOGO

O rochedo das Valquírias. É noite. Um fogo brilha debilmente no vale abaixo. As três Nornas, fiandeiras das teias dos acontecimentos, estão ociosas, uma estendida à direita, aos pés de um pinheiro; a segunda, diante da caverna de Brünnhilde, à esquerda; e a terceira, no centro, sobre uma rocha.

1ª Norna - Que luz está brilhando para lá?

2ª Norna - Estará o dia amanhecendo?

3ª Norna - As legiões de Loge ardem e resplandecem ao redor da rocha. Ainda é noite. Porque não fiamos e cantamos?

2ª Norna, à primeira - Se formos fiar e cantar, sobre o que estenderás o fio?

1ª Norna - *(desfazendo uma meada de fio de ouro de si mesma e ligando uma das extremidades do fio a um ramo do pinheiro)* - Seja por bem ou por mal, eu enrolo o fio e canto. Na árvore da sabedoria do mundo uma vez eu tecia, quando de seu largo e forte tronco os ramos se expandiram formando uma verde floresta na sombra fresca surgiu uma nascente, que murmurava sabedoria em seu caminho; santo e sábio era meu canto. Um deus sem medo veio beber à fonte; um de seus olhos ele deu como pagamento para a eternidade. Da árvore da sabedoria do mundo, Wotan quebrou um galho; a haste de uma lança o deus poderoso fez com o ramo. O tempo passou e a ferida dessecou a floresta; as folhas

tornaram-se amarelas e caíram; a árvore embranqueceu e morreu; tristemente a água dessecou-se na fonte; meu canto tornou-se melancólico. Hoje, não mais eu teço na árvore da vida do mundo; a árvore do pinheiro deve servir para segurar o fio. (Para a 2ª Norna) Canta, irmã! Passo o fio para ti, sabes o que irá acontecer?

2ª Norna - (*enrolando o fio que a irmã lhe jogou, em volta da rocha, na entrada da caverna de Brünnhilde*) - Recordações sinceras dos tratados que devem ser obedecidos à risca e que foram gravados, por Wotan, na haste de sua lança, que ele segura como senhor do mundo. Um bravo herói despedaçou a lança em batalha; as gravuras sagradas foram partidas. Então, Wotan mandou os heróis do Valhalla abater em pedaços os galhos dessecados e o tronco da árvore da vida do mundo. A árvore do mundo caiu, a nascente secou para sempre. Hoje, eu seguro o fio na rocha acidentada. Canta, irmã (*jogando o fio para a 3ª Norna*) Passo o fio para ti. Sabes o que irá acontecer?

3ª Norna - (*apanhando o fio*) Construído por gigantes, o castelo está lá no alto; com o sagrado clã dos deuses e dos heróis, Wotan lá está sentado no hall. Uma poderosa parede de ramos espinhosos eleva-se ao alto como uma torre em volta do hall. Essa parede era uma vez a árvore da vida do mundo. Quando a floresta sagrada arder em fogo, brilhante e luminoso, as ardentes chamas destruirão o brilhante hall: então, a queda final dos deuses eternos acontecerá. Conheces mais coisas? (*Devolvendo o fio à 2ª Norna*). Então tece o fio ainda mais, agora aqui do norte passo-o para ti.

(*A 2ª Norna devolve o fio novamente à 1ª Norna*) Fia, irmã, e canta! (*As três continuam a passar a extremidade do fio uma à outra, enquanto trabalham*)

1ª Norna - Estará o dia já nascendo? Ou é o fogo trêmulo que cintila? Minha vista está nublada! Não posso ver claramente o passado venerável, quando Loge resplandeceu improvisadamente em chama flamejante. Sabem vocês o que aconteceu a ele?

2ª Norna - Pelo encantamento da lança, ele foi subjugado por Wotan. Ele passou a aconselhar o deus. Para ganhar sua liberdade, ele roeu as linhas mágicas gravadas na haste da lança. Então, com o poder da ponta da lança, Wotan o forçou a flamejar em volta do rochedo de Brünnhilde. Sabem vocês o que será dele?

3ª Norna - Os estrilhões agudos da lança despedaçada Wotan irá imergir profundamente em seu peito altivo. Uma chama furiosa irá prorromper. Isto o deus tulmutua e grita para os troncos amontoados da árvore da vida do mundo, caída, em chamas.

2ª Norna - Gostariam vocês de saber quando isto acontecerá? Então, irmãs, enrolem o fio!

1ª Norna - A noite está empalidecendo. Nada mais vejo! Não mais posso achar os fios da corda; seus fios estão confundidos. Uma visão terrível escarnece e enfurece meus sentidos: o ouro do Reno foi roubado há longo tempo por Alberich. Sabem vocês o que aconteceu a ele?

2ª Norna - (*Enrolando o fio em volta do rochedo*) - O agudo ângulo do rochedo penetra na

corda, cortando-a; sua rede de fios não mais fica presa, confundidos e dilacerados estão seus fios. Por causa da inveja e do conflito se levanta o Anel do Nibelungo. Uma maldição de vingança corrói meus fios torcidos. Sabem vocês o que vem de tudo isto?

3ª Norna - A corda está demasiadamente frouxa! Não tem alcance suficiente! Se eu tiver que jogar sua extremidade para o norte, a corda deverá ser jogada firmemente!

(Ela puxa firmemente a corda, que se quebra no meio) Está quebrada!

2ª Norna - Está quebrada!

1ª Norna - Está quebrada!

(As três Nornas, cheias de terror, se juntam no centro da cena. Reúnem os pedaços da corda, ligando-se uma à outra.)

As três Nornas - O conhecimento eterno chegou ao fim. O mundo não terá mais de nós oráculos!

3ª Norna - Para baixo!

2ª Norna - Para a mãe!

1ª Norna - Para baixo!

(As três Nornas desaparecem)

INTERLÚDIO ORQUESTRAL

(O dia começa a nascer. O sol se eleva. Claro dia. Brünnhilde e Siegfried, este todo armado, saem da caverna, e ela traz o cavalo seguro pelas rédeas) Brünnhilde - Se de novos feitos te conservar afastado, meu caro herói, de que meu amor será tão digno de ti? Um só cuidado me faz incerta: que em me ganhando, teu prêmio foi pequeno demais!

O que os deuses me ensinaram, eu já o transmiti a ti: uma rica quantidade de sabedoria; mas, do espírito de minha mocidade e de minha força, o herói que agora é meu dono me desprivou. Desprivada da sabedoria, mas cheia de desejos; rica em amor e assim mesmo vazia de poder; não desprezes a pobre mulher que não se lamenta de nada - mas que não pode te dar mais!

Siegfried - Deste-me muito mais do que mereço, ó maravilhosa mulher, e do que eu saberia como apanhar. Não te lamentes, se o teu ensinamento me deixou ainda ignorante! O conhecimento de uma coisa importante eu o tenho bem firme: que Brünnhilde vive em mim. Uma lição, eu aprendi facilmente: ser atencioso e jamais esquecer Brünnhilde! Brünnhilde - Se quiseres me mostrar amor, lembra-te unicamente de ti mesmo.

Relembra teus valorosos feitos! Relembra o fogo enraivecido no meio do qual tu passaste sem medo, quando ele chamejava em volta do rochedo!

Siegfried - Para poder obter Brünnhilde como prêmio!

Brünnhilde: Lembra-te da mulher coberta com o escudo, que encontraste profundamente adormecida, cujo elmo desataste!

Siegfried - Para acordar Brünnhilde!

Brünnhilde - Lembra-te dos votos que fizeram de nós uma só pessoa! Lembra-te da fé que nós juramos! Lembra-te do amor pelo qual ambos vivemos. Esse amor, Brünnhilde irá queimar eternamente em seu peito! Siegfried - Eu te deixo, minha querida, aqui na santa proteção do fogo! (*Tirando o anel de Alberich do seu dedo e dando-o a Brünnhilde*) Em troca da tua sabedoria, eu te presenteio com este anel. Nele está ligada a virtude de todos os feitos por mim cumpridos. Um dragão selvagem trucidai, o qual, há longo tempo, conservava para si o anel. Agora, mantém o seu poder a salvo, como penhor de minha fé!

Brünnhilde - Eu o guardarei como meu único tesouro! Em troca do anel, leva meu cavalo! Uma vez no ar, ele voou corajosamente; mas, comigo ele perdeu essa poderosa qualidade; através dos raios e da tempestade não mais tomará bravamente o seu caminho. Mas, seja para onde o conduzires, mesmo que através do fogo, Grane seguir-te-á sem medo. A ti, ó herói, ele irá obedecer. Tenha grande cuidado com ele! Ele observará com atenção tuas palavras. Não deixes de falar muitíssimas vezes a ele de Brünnhilde!

Siegfried - Deverão todos os meus feitos ser cumpridos através de tua virtude tão-somente? Escolherás minhas batalhas, e minhas vitórias serão tuas? Montado em teu cavalo de batalha, protegido através do teu escudo, não mais me julgo ser Siegfried: sou apenas o braço de Brünnhilde! Brünnhilde - Oh, pudera ser Brünnhilde tua alma!

Siegfried - Através dela minha coragem se inflama e se acende!

Brünnhilde - Então serias tu Siegfried e Brünnhilde?

Siegfried - Onde eu estiver, ambos estarão protegidos!

Brünnhilde - Então, meu hall dentro da rocha, está deserto?

Siegfried - Ele nos mantém a ambos, unidos!

Brünnhilde - Oh, deuses santos, raça divina! Sejam vossos olhos festivos olhando este par dedicado! Separados, quem nos dividirá? Divididos, nós nunca poderemos nos separar!

Siegfried - Salve, tu, Brünnhilde, estrela brilhante!

Brünnhilde - Salve, tu, Siegfried, conquistador da luz!

Siegfried - Salve, amor cintilante!

Brünnhilde - Salve, vida cintilante!

Siegfried - Salve, estrela brilhante!

Brünnhilde - Salve, luz conquistadora!

Brünnhilde e Siegfried - Salve! Salve! Salve! Salve!

(Siegfried conduz rapidamente seu cavalo através da encosta da montanha, até onde Brünnhilde o acompanha. Ele desaparece, com o cavalo, atrás do rochedo. Brünnhilde permanece só, o olhar distante prescrutando a borda do vale. Ouve-se ao longe o corno de Siegfried. Brünnhilde ecuta. Torna a olhar através da encosta; vê uma última vez Siegfried e lhe faz um sinal com entusiasmo. Advinha-se, pelo seu sorriso, que ela seguiu com os olhos o herói, alegremente a caminho. Segue-se então a passagem orquestral, conhecida como “A Viagem de Siegfried para o Reno”.)

INTERLÚDIO ORQUESTRAL

1º Ato

(O hall dos Gibicungos, no Reno)

Cena 1

Gunther, Hagen, Gutrune

Gunther, o chefe do clã dos Gibicungos, encontra-se sentado no trono, colocado lateralmente, ao lado de Gutrune, sua irmã, antes do qual está uma mesa com taças para a bebida. Hagen está sentado em frente à mesa.

Gunther - Ouve, agora, Hagen, dize-me, herói: minha estadia no Reno e minha reputação em alta, são dignas da fama dos Gibicungos?

Hagen - A ti, administrador nato, eu estimo e invejo. Aquela que nos procriou irmãos, Grimhilde, ensinou-me a sua dignidade.

Gunther - Eu invejo a ti. Tu não necessitas ter inveja de mim! Eu tenho a herança como direito de sangue; sábio és tu e somente tu. As dissensões de meio-irmão nunca foram melhor dissolvidas. Somente rendo louvores aos teus conselhos; fala-me então de minha honra.

Hagen - Então eu devo censurar minha presença de espírito, ao considerar que a tua reputação é ainda fraca: eu sei de insignes bens que o Gibicungo ainda não conquistou.

Gunther - Pelo teu silêncio, sou desaprovado.

Hagen - Eu vejo os filhos de Gibich, no verão de seu já amaduecido poder, tu, Gunther, solteirão, tu, Gutrune, sem esposo.

Gunther - Com quem tu nos aconselharias a casar, para tirar proveito de nossa posição?

Hagen - Uma mulher eu sei que existe, a mais nobre e bela sob o céu. Sua morada é um alto rochedo. Um fogo crepita em volta de sua casa. Somente aquele que atravessar incólume as chamas poderá ser pretendente à mão de Brünnhilde.

Gunther - Poderia eu com a minha coragem enfrentar esse fogo?

Hagen - A um só, muito mais forte que tu, ela está destinada.

Gunther - Quem é esse bravo herói sem par?

Hagen - Siegfried, o descendente dos Wälsungen: ele é o mais forte dos heróis. Sieglinde e Siegmund, um par de gêmeos, dominado pelo amor, geraram o mais nobre dos filhos. Ele cresceu forte na floresta, e é ele que eu elegi para marido de Gutrune.

Gutrune - Quais façanhas e títulos ele porta para fazer jus ao nome de um herói sem rival?

Hagen - Um dragão gigante guardava o tesouro do Nibelungo, na gruta da Inveja(Neidhöhle): Siegfried abateu-o, fechando sua goela para sempre, com sua espada. Do maravilhoso e inacreditável feito seu nome saiu glorioso.

Gunther - Eu já tenho ouvido falar sobre esse tesouro nibelungo: nele não havia a mais cobiçada das joias?

Hagen - Aquele que bem a saiba usar, poderá se transformar no dono do mundo.

Gunther - E somente ele poderá desposar Brünnhilde?

Hagen - Nenhum outro poderá fazer retrocederem as chamas.

Gunther - Por que dás ênfase à dúvida e à discórdia? Por que faze-me desejar o que eu nunca poderei alcançar?

(Ele agitado anda pelo salão, mal-humorado. Hagen, sem deixar seu assento, o detém com um misterioso sinal, quando Gunther passa bem perto)

Hagen - E se Siegfried retroceder as chamas para ti, não poderia Brünnhilde ser tua?

Gunther - Quem poderia persuadir esse feliz homem a vencer o fogo em meu proveito?

Hagen - Teu pedido o compeliaria imediatamente, se Gutrune o ligasse a ela em primeiro lugar.

Gutrune - O gracejador, o malicioso Hagen! Como poderia eu ligar Siegfried a mim? Ele é o mais senhorial da terra, então a mais linda e nobre entre as mulheres já deve tê-lo ganho para si, há tempo.

Hagen - (falando para Gutrune, como um confidente) Lembra-te do efeito da bebida no peito? Não fui eu quem a trouxe? Pois ela, através do amor, subordinará a ti esse herói pelo qual tanto suspiras. (Gunther senta-se de novo no trono e ouve atentamente, agora, as observações de Hagen). Se Siegfried aqui viesse, e se bebesse da miraculosa poção, ele esqueceria imediatamente ter visto outra qualquer mulher, antes de ter visto a ti, e que outra mulher tivesse estado perto dele alguma vez. Dize, agora, que pensas do conselho de Hagen?

Gunther - Louvores sejam dados a Grimhilde, por ter-nos presenteado com um irmão semelhante, cheio de sabedoria!

Gutrune - Se somente eu pudesse ver Siegfried!

Gunther - Mas, como poderemos encontrá-lo?

(O som de um corno é ouvido ao longe, à esquerda)

Hagen - Enquanto ele vai à caça alegremente, após ter produzido atos heroicos, o mundo é para ele como uma estreita floresta. Em sua incansável busca, ele pode chegar logo à casa de Gibich, aqui no Reno. Gunther - Prazerosamente, eu lhe daria as boas-vindas.

(O som de um corno é de novo ouvido, à esquerda, longe. Hagen apura os ouvidos). Lá do Reno eu ouço um corno.

Hagen - (correndo para a margem, espreita para o lado de baixo do rio e grita para trás) Em um barco eu vejo um homem e um cavalo: é o homem que fez soar seu corno tão alegremente. Um toque vagaroso como se dado por ociosas mãos, conduz o barco apressadamente contra o fluxo da maré; a robusta força despendida naquele longo golpe de remo deve ser dele tão-somente, dele que pôde matar o dragão. Somente pode se tratar de Siegfried!

Gunther - Está ele passando por perto?

Hagen - (Chamando voltado para o rio) Reirô! Para onde estás indo, alegre herói?

A Voz de Siegfried - (ainda distante, no rio) Ao famoso filho de Gibich. Hagen - Ao seu hall eu te convido e levarei!

(Siegfried aparece no seu barco, na margem do rio)

Por aqui! Neste caminho!

CENA 2

Siegfried, Hagen, Gunther e Guttrune

Hagen - Eu te saúdo, Siegfried, nobre herói!

Siegfried - Quem, entre vós, é o filho de Gibich?

Gunther - Gunther sou eu, por quem procuras.

Siegfried - Ouvi falar de tua fama bem longe daqui, no Reno. Combate, agora, comigo, ou sê meu amigo!

Gunther - Não penso em combater-te. Tu és bem-vindo aqui.

Siegfried - Onde poderei deixar o meu cavalo?

Hagen - Eu acharei um bom lugar para ele.

Siegfried - (a Hagen) Chamaste-me de Siegfried. Tinhas-me visto antes? Hagen - Eu deduzi quem eras, somente pela tua força.

Siegfried - (entregando as rédeas de seu cavalo às mãos de Hagen) Trata com carinho meu cavalo Grane: pois tu, antes, nunca seguraste as rédeas de um tão nobre corcel.

(Hagen conduz o cavalo para a direita, atrás do hall. Enquanto Siegfried o segue, agradecido, com a vista; ainda não vista por Siegfried, Guttrune retira-se, a um sinal de Hagen, para a esquerda, entrando na porta de seu quarto)

Gunther - Com muito prazer de minha parte, dou-te as boas-vindas, ó herói, na morada de meu pai; em qualquer lugar em que vás, qualquer que seja o que vires, faz de conta que todas as coisas aqui são tuas. Tua é minha herança, minha terra, meu povo: possa minha vida demonstrar que meu juramento é bom! Eu mesmo me dou a ti.

Siegfried - Nem terras, nem povo, tenho eu para oferecer em troca; nem moradia paterna, nem propriedades: meu corpo somente foi minha herança; vivendo eu o consumo. Somente tenho a minha espada, que eu mesmo forjei: possa minha espada demonstrar que meu juramento é bom! Eu te a ofereço, assim como eu mesmo.

Hagen - (que retornou, para Siegfried) Mas há rumores que dizem estar em teu poder o tesouro dos Nibelungos!

Siegfried - (para Hagen) Do tesouro eu logo me esqueci: assim eu estimei seus ociosos bens! Eu o deixei lá na caverna onde o monstro o guardava. Hagen - E não pegaste nada para ti?

Siegfried - Este objeto, que eu ignoro para que serve.

Hagen - Eu sei que isso aí é o Tarnhelm, o mais habilidoso trabalho dos Nibelungos:

usado em tua cabeça, ele serve para mudar-te em qualquer outra forma que tu queiras; se quiseres ir até a extremidade da terra, em um instante, rápido como um raio, até lá ele te levaria. Nada mais pegaste do tesouro?

Siegfried - Um anel.

Hagen - Tu o tens a salvo?

Siegfried - Fielmente, o guarda uma maravilhosa mulher!

Hagen - (para si mesmo) Brünnhilde!...

Gunther - Nada me deves dar em troca, Siegfried: meros brinquedos, comparados com tuas joias, pereceriam todas as minhas riquezas em troca. Sem nada em troca, te servirei de bom grado.

(Hagen se dirige à porta do quarto de Gurtune e a abre. Guttrune entra, trazendo um corno cheio de bebida, com o qual se aproxima de Siegfried) Guttrune - Sejas bem-vindo, hóspede, na casa de Gibich! Sua filha te traz esta bebida!

Siegfried - (inclina-se amigavelmente diante dela, levanta cortesmente o corno e meditativo e diz baixinho) - Esquecerei tudo o que tu me dás, um preceito jamais deixarei de lado: o primeiro gole para o verdadeiro amor; Brünnhilde, à tua saúde eu bebo! (ele pega o corno com a bebida preparada e bebe um longo gole. Em seguida, devolve o corno a Guttrune, que fica corada, se encolhe e baixa os olhos. Siegfried é tomado por uma súbita e inflamada paixão). Tu que como um raio me atingiste com tua graça, porque baixas os olhos diante de mim? (Guttrune, corando, fixa os olhos nele) Ah, a mais bela mulher! Fecha os teus olhos; teu olhar cintilante queima o coração no meu peito: em fluxos chamejantes, eu o sinto apressadamente correndo em meu sangue! Gunther, qual é o nome de tua irmã?

Gunther - Guttrune.

Siegfried - São então boas runas que eu leio em seus olhos?

(Ele segura apaixonadamente a mão de Guttrune) Para teu irmão, eu me ofereci como vassalo; o homem orgulhoso respondeu-me que não aceitava isso; farás o mesmo, desdenhando minha oferta, se me oferecer a ti?

(Guttrune reencontra involuntariamente o olhar de Hagen. Baixa submissa e modestamente a cabeça, deixando ver, por sua atitude, que ela não se julga digna de Siegfried e deixa apressadamente o hall.)

Siegfried - (Observado por Hagen e Gunther, Siegfried olha rapidamente para ela, fascinado, enquanto sai) Gunther, tens uma esposa?

Gunther - Ainda não me casei, todavia, a esposa que ardentemente desejo não pode ser facilmente ganhada! Tenho posto meu olhar e coração sobre uma mulher que nunca

poderei dizer ser minha.

Siegfried - (voltando-se rapidamente para Gunther) O que poderá te ser negado, se eu estiver ao teu lado?

Gunther - Em uma longitude rochosa, lá está sua morada.

Siegfried - (surpreso, repetindo as palavras de Gunther) Em uma longitude rochosa está sua morada?

Gunther - Um fogo chamejante encontra-se perpetuamente em volta de sua casa.

Siegfried - Um fogo chameja em redor de sua casa?

Gunther - Somente aquele que conseguir atravessar o fogo..

Siegfried - (com um intenso esforço de memória) Somente aquele que conseguir atravessar o fogo?

Gunther - ...a Brünnhilde poderá se unir.

(A atitude de Siegfried, quando o nome de Brünnhilde é pronunciado, mostra claramente que a bebida o fez completamente esquecê-la) Eu não tenho medo de nenhum fogo, para ti eu posso libertar a mulher; teu amigo eu sou e meu coração é teu. Eu desejo a Guttrune como minha mulher! Gunther - Eu te darei com prazer a mão de Guttrune.

Siegfried - Eu te trarei Brünnhilde!

Gunther - Como poderás enganá-la?

Siegfried - Através da astúcia do Tanrhelm, eu poderei mudar minha forma humana na tua.

Gunther - Então vamos fazer um juramento!

Siegfried - Que pelo sangue sejam ligados nossos corações!

(Hagen enche de vinho um corno para bebida. Ele o apresenta a Siegfried, depois a Gunther que, com a ponta de suas espadas, arranham o braço e deixam escorrer um pouco de sangue sobre a abertura do chifre de bebida. Um e outro pousa dois de seus dedos sobre esse corno, seguro entre eles por Hagen)

Siegfried - Seiva da vida, sangue generoso, cai sobre essa bebida.

Gunther - Santo ardor de irmãos unidos, mescla o vinho com nosso sangue.

Ambos - Fiel, eu bebo ao amigo. Livre e alegre, florescido o sangue entre nós, desejo que nos tornemos irmãos.

Gunther - Se um irmão quebrar seu juramento.

Siegfried - Se um irmão trair sua confiança.

Ambos - O que nós entornamos solenemente em gotas, que flua em torrentes santas quanto necessário para reparar o irmão.

Gunther - (Bebe e oferece o corno a Siegfried) A ti eu estou ligado! Siegfried - Assim eu bebo a ti fielmente!

(Siegfried bebe por sua vez e devolve o corno a Hagen. Hagen quebra o corno em dois pedaços. Gunther e Siegfried estendem firmemente um ao outro as mãos)

Siegfried - (advertindo Hagen que durante o juramento se comportou em olvido) - Por que não te juntaste ao nosso juramento?

Hagen - Meu sangue teria estragado a vossa bebida! Meu sangue não flui tão puro e nobre como o vosso, mas, obstinado e frio, e sendo estagnante dentro de mim, nunca nem enrubeceu minhas faces. Eu devo, portanto, fugir do ardor dos juramentos.

Gunther - (para Siegfried) Esquece esse mal-humorado homem! Siegfried - (pendurando de novo seu escudo) Agora, rápido, a caminho! Lá está ancorado meu barco; poderemos bem depressa alcançar o rochedo. (Para Günther) Uma noite, no rio, deverás esperar no barco. A mulher, então, tu a levarás para casa.

(Ele apressa-se em partir e faz sinal a Gunther para segui-lo)

Gunther - Não queres descansar primeiro?

Siegfried - Tenho pressa em estar de volta.

(Ele vai até a margem do rio onde está o barco)

Gunther - E tu, Hagen, guarda e toma conta do hall!

(Gunther segue Siegfried para o rio. Logo que eles depositam suas armas no barco e preparam a vela e fazem tudo que é necessário para imediatamente partir, Hagen toma na mão a sua lança e seu escudo. Guttrune aparece na porta de seu quarto, no momento em que Siegfried, lança o barco, no impulso de um só golpe, para o meio do rio.)

Gutrune - Para onde eles correm com tanta pressa?

Hagen - (assentando-se lentamente diante do hall) Vão velejando para libertar Brünhilde.

Gutrune - Siegfried?

Hagen - Não vêes como ele se apressa para poder ganhar a ti como esposa? Guttrune - Siegfried - meu! (Retorna ao seu quarto, alegre e feliz. - Siegfried tomou o remo do

barco e agora o impele para descer o rio. Logo se o perde de vista)

Hagen - (sentado, imóvel, contra um dos portões do hall) Aqui eu sento e permaneço como guarda, para proteger a casa, em defesa do hall contra os inimigos. O vento está conduzindo o filho de Gibich; para perto de sua cortejada ele viaja. Um bravo herói segura seu elmo; ele o guardará de todos os perigos. Para ele trará sua própria esposa do Reno; mas, para mim, ele trará o anel! Filhos da liberdade, felizes camaradas, embarquem e partam alegremente para longe! Apesar de pensares desdenhosamente sobre ele, ainda assim tu o serves - ao filho dos Nibelungos.

INTERLÚDIO ORQUESTRAL

Cena 3

No rochedo da Valquíria

Brünnhilde, Waltraute, Siegfried

Brünnhilde está sentada na entrada da caverna, perdida em seus pensamentos e recordações acerca de Siegfried. Toda a doçura de suas lembranças, quando carinhosamente o beija. Longe, ouve-se um rumor de trovoadas. Brünnhilde mira para lá com os olhos espantados; ela escuta e se fixa em contemplar o anel. Um clarão surge de repente. Ela escuta ainda e sonda com os olhos lá distante de onde se vê já perto do rochedo uma nuvem sombria de tempestade.

Brünnhilde - (Ela se ergue do assento) Quem está tentando me descobrir em minha solidão? Ouço a voz de Waltraute, tão cara para mim! Estás vindo para cá, irmã? Tiveste tanta coragem em voar para cá, para mim? (ela corre através da crista do rochedo). Lá na floresta - sempre familiar para ela - desmonta de seu cavalo e toma esta direção.

(Ela se enfronha para dentro do bosque, no qual é ouvido um distinto barulho como de um estampido de trovão. Então retorna com grande excitação com Waltraute; e demonstra estar feliz e muito comovida, sem notar a ansiedade e medo da irmã). Tu vieste para me ver? Ficaste assim tão audaciosa para proporcionar a Brünnhilde saudações de acolhimento sem medo?

Waltraute - Somente por tua causa eu vim tão apressada!

Brünnhilde - Então ousastes, pelo bem de Brünnhilde, quebrar a clara proibição de Wotan? Ou, então, o que há? Dize! Talvez o coração de Wotan se amoleceu a meu respeito! Quando eu protegi Siegmund com o meu escudo contra a determinação do deus, mesmo que eu tenha errado - bem sei disso - ainda assim eu obedeci a um desejo dele. E bem sei, também, que sua ira acabou logo; pois mesmo que ele me tenha fechado num sono tão pesado, e tenha-me acorrentado tão estreitamente ao rochedo,

ele me deixou ser presa do homem que conseguisse me encontrar e tivesse poder para me acordar - e ainda ele garantiu minha tímida demanda: com um fogo violento ele circundou o rochedo para poder manter ao longe todos os covardes. Felicidade tão alta e suprema eu ganhei em prêmio como esposa; em seu amor eu encontrei a luz e o riso. (Ela abraça Waltraute com uma efusão de que esta, impaciente e temerosa, procura-a conter) Foi minha felicidade que para aqui te atraiu, irmã? Queres te deliciar com ela, queres dividir comigo o que me aconteceu?

Waltraute - Dividir o frenesi que te domina, louca? Não foi isto que me conduziu com temor até ao ponto de quebrar a proibição de Wotan. Brünnhilde - Temor e angústia se apossaram de ti, pobre irmã? Então, o severo deus ainda não me perdoou? Temes sua ira?

Waltraute - Se ainda eu pudesse temer isso, meus cuidados já teriam terminado.

Brünnhilde - Estou confusa - não consigo mesmo te entender! Waltraute - Acalma-te primeiro de tua excitação. Após, ouve-me atentamente. Ao Valhalla novamente meus temores me conduzem, assim como do Valhalla já fugi por causa de meus temores.

Brünnhilde - Que calamidade veio golpear os imortais?

Waltraute - Ouve o que tenho para te dizer. Desde que Wotan separou-se de ti, ele não nos enviou mais à batalha. Tomadas de estupor e perplexidade, inquietas e preocupadas, cavalgamos para o campo. Os valentes heróis do Valhalla passaram a ser evitados por Wotan. Sozinho, montado em seu cavalo, sem pausa e sem descanso, como um andarilho ele vagou pelo mundo. Por fim, voltou para casa. Ele tinha em sua mão sua lança quebrada, que tinha sido rompida por um herói. Com um gesto silencioso, ele enviou os heróis do Valhalla para a floresta, a fim de abaterem a árvore da vida. Ele mandou-os empilhar os pedaços dos galhos e tronco despedaçado em um amontoado poderoso em volta do hall dos abençoados. Chamou então eu concílio todos os deuses; tomou assento em seu lugar, no trono sagrado; e ao seu lado, mandou sentar as criaturas penalizadas; colocados em ordem em volta dele, os heróis enchiam o hall. Ficou então sentado sem dizer palavra, em seu trono, circundado de heróis, silencioso e grave, com a lança quebrada em suas mãos; as maçãs de Holda não mais ele provou. Maravilha e temor seguem os deuses parados como estátuas. Seus dois corvos ele mandou em viagem: quando voltarem, trazendo boas novas, então pela última vez ele sorrirá. Segurando os joelhos, nós, Valquírias, jazemos de um lado. Mas ele permanece cego a nossos olhares pleiteantes; nós todas estamos consumidas por terror e medo sem fim. Sobre seu peito, joguei-me chorando: então seus olhos se abrandaram - ele pensou em ti, Brünnhilde! Suspirou profundamente, fechou os olhos, e, como se estivesse sonhando, murmurou estas palavras: “Se, para as filhas do Reno ela devolvesse o anel, deus e o mundo estariam libertados do peso da maldição!”. Então eu refleti e de seu lado e das fileiras silenciosas eu saí; com pressa e discrição montei em meu cavalo e cavalguei através da tempestade até aqui. Agora, ó irmão, eu te peço! O que estiver em teu poder, tem a coragem de fazer! Põe um fim ao eterno tormento!

(Cai de joelhos diante de Brünnhilde)

Brünnhilde - Que contos de sonhos temerosos estás me dizendo, ó irmã! O céu nublado dos deuses santos não mais me conhece, pobre louca. Eu não compreendo o que ouço. Selvagem e confuso é o que estás dizendo; teus olhos - tão consumidos - estão brilhando como chamas vibrantes. Ó agitada e infeliz irmã! Com pálidas faces, que queres que eu faça?

Waltraute - O Anel do teu dedo - presta atenção às minhas palavras! - pelo bem de Wotan, joga-o fora!

Brünnhilde - O Anel? Jogá-lo fora?

Waltraute - Devolve-o às filhas do Reno!

Brünnhilde - Às filhas do Reno - eu - o Anel? O penhor do amor de Siegfried? Perdeste por acaso o juízo?

Waltraute - Ouve-me! Ouve a minha aflição! As perturbações do mundo são causadas por isso aí! Joga-o fora, devolve-o às águas! Põe um fim às perturbações do Valhalla - joga esse objeto maldito nas águas do rio! Brünnhilde - Ah! Sabes, por acaso, o que ele significa para mim? Como podes compreender, garota insensível! Mais do que as felicidades do Valhalla, mais do que a glória dos imortais, o anel significa para mim. Um olhar de relance para seu ouro cintilante, uma espiada para o brilho de seu lustre glorioso e sublime, significam mais para mim do que todas as felicidades sem fim dos deuses! Pois que do brilho do anel, brilha alegremente o amor de Siegfried! O amor de Siegfried! Oh, pudesse eu somente falar-te do êxtase que este anel me traz! Volta para o santo concílio dos deuses; e sobre meu anel, dize-lhes isto: eu nunca deixarei que o amor se vá de mim - mesmo que o brilhante esplendor do Valhalla tenha que cair em ruína!

Waltraute - É esta, então, a tua lealdade? Assim, em sua tristeza, deixarás tua irmã não - amada?

Brünnhilde - Ligeiramente em teu caminho de volta segue eu teu cavalo! Nunca conseguirás separar-me de meu anel!

Waltraute - Ai! Ai de mim! Infelicidade para ti, irmã! Infelicidade para os deuses do Valhalla! (ela se precipita para fora. Um barulho como de trovão em uma tempestade é ouvido no rumo da floresta)

Brünnhilde - (Após olhar a nuvem tempestuosa de relâmpagos, a vê desaparecer rápido, no horizonte) - Nuvem de tempestade, criada pelo vento, voa para longe: não mais te aproximes de mim! (A noite caiu, gradualmente; de baixo das chamas as labaredas se fazem mais vivas. Brünnhilde contempla o horizonte, tranquilamente). A luz trêmula da noite encobre o céu com seu véu: mais claramente chameja o fogo guardião ali embaixo. (A luz do fogo parece aproximar-se, labaredas de fogo acariciam os bordos do

rochedo). Por quê o agitado mar de chamas crepita tão selvagem? Ele deixa rolar suas ondas altivas até o topo da montanha. (Ouve-se à distância, para baixo, o chamado da corneta de Siegfried, aproximando-se. Brünnhilde ouve o corno com agitada emoção) Siegfried! Siegfried está de volta! Até aqui ele envia seu chamado! Lá! Lá! Suba! Suba até aqui em cima ao meu encontro! Que eu possa ir para os braços de meu deus! (Ela se lança exaltada até a crista do rochedo. As chamas refluxam e se reduzem desde a profundidade. Não se vê mais que seus reflexos. Siegfried, com o tarnhelm em sua cabeça, sobe para o alto do rochedo; as chamas imediatamente se retiram à sua passagem). Brünnhilde - (Com um movimento de terror, se retira). Enganada! Quem está se aproximando de mim?

Siegfried - (Siegfried, na forma de Gunther, sempre ao fundo sobre a rocha, imóvel, apoiado em seu escudo, olha Brünnhilde. Depois, com uma voz falsa e sombria) Brünnhilde! Um pretendente chegou a ti, não assustado pelo fogo que te circunda. Peço tua mão em casamento. Queres me seguir? Brünnhilde - Quem é o homem que ousou fazer uma ação designada somente ao mais forte?

Siegfried - Um herói que irá te dominar - se a força somente irá servir para te ganhar em prêmio.

Brünnhilde - Um monstro conseguiu chegar até este íngreme rochedo; uma águia precipitou-se até aqui para lacerar minhas carnes! Quem és tu, horrivelmente temida criatura? És uma criatura mortal? Surges por acaso das hostes nascidas dentro da noite, pertencentes ao Hells?

Siegfried - (Com uma agitação violenta) Um Gibicungo eu sou, e Gunther, rei dos Gibicungos, é o nome do herói, ó mulher, a quem deves seguir. Brünnhilde - (Numa explosão de desapontamento) Wotan! O deus vingativo e sem piedade! Desgraça! Agora é que eu entendo a minha punição! À miséria e à desilusão tu estás me abandonando!

Siegfried - (Surgindo por trás da rocha e aproximando-se de Brünnhilde). A noite se aproxima: em tua caverna deverás te casar comigo.

Brünnhilde - (Levantando em gesto ameaçador o dedo em que ela tem o Anel de Siegfried) Para trás! Teme este penhor! Tu não podes forçar-me à vergonha, enquanto este anel me proteger!

Siegfried - Possa ele dar a Gunther os direitos de um marido; com o anel estás com ele casado!

Brünnhilde - Para trás, ladrão! Ladrão abominável! Não ouses chegar bem perto de mim! Mais forte que o aço eu sou, devido a este anel: nunca conseguirás me privar dele!

Siegfried - Tuas palavras me servem é de estímulo para arrancar o anel de ti. (Ele se lança sobre ela, eles lutam: Brünnhilde lhe escapa, se recompõe e retorna para se defender. Siegfried a ataca uma segunda vez; eles se engalfinham; ele quase a vence. A luta redobra de violência. Ele segura a mão dela e arranca do dedo o anel, Brünnhilde

passa por uma terrível crise. Como desmaiada, ela tomba em seus braços. Involuntariamente, seu olhar encontra os olhos de Siegfried) Agora tu és minha! Brünnhilde, esposa de Gunther, dá-me entrada livre em teu lar!

Brünnhilde - (Esgotada, olhando para si indefesa, diante dele) Como podes tu defender-te, mulher desgraçada? (com passos trêmulos, ela se dirige para a caverna.).

Siegfried - (Ele tira a sua espada e retoma a sua voz natural) Agora, Nothung, sejas tu testemunha de que meu pedido de casamento foi casto: guardando minha lealdade para com meu irmão, ponha um obstáculo entre mim e a esposa dele! (Ele segue Brünnhilde na caverna).

Fim do Primeiro Ato

Segundo Ato

À margem do Reno.

Diante do palácio do Gibicungo. À direita, a entrada aberta do palácio; à esquerda, a praia do rio, de onde se eleva, pelo meio da cena, uma altura rochosa, cortada em vários sentidos, conduzida para a direita, ao fundo do teatro. Lá, e elevando-se sobre o mesmo plano, uma pedra sagrada em honra de Fricka, e uma outra em honra de Donner. Entre as duas, mais para o alto, numa pedra maior, o altar em honra de Wotan.

É noite.

CENA 1

Hagen, Alberich

(Hagen, a lança em seu braço e seu escudo ao seu lado, está sentado dormindo, recostado a um pilar do palácio.-A lua projeta, de repente, a luz do luar sobre ele e sobre outro que imediatamente se acerca dele; agora, Alberich pode ser visto agachar-se diante do adormecido, apoiando seus braços nos joelhos de Hagen)

Alberich - Estás adormecido, Hagen, meu filho? Adormecido? E não estás me ouvindo, eu que repouso e durmo traído?

Hagen - (Em voz baixa, sem se mover, de maneira que parece estar adormecido mesmo que seus olhos estejam abertos). Eu te ouço, pai. Mau Alber, o que tens a dizer-me em meu sono?

Alberich - Lembra-te do poder que tens com os teus comandos, se fores tão bravo

quanto tua mãe te fez poderoso e sábio ao gerá-lo para mim.

Hagen - (Com pressentimentos) Um coração robusto, minha mãe me deu, e ainda assim, um filho não pode agradecer-lhe, pois ela foi apanhada pelas suas artes enganadoras: envelhecida depressa demais, pálida e exangue; eu odeio aqueles que são felizes, eu nunca me regozijo!

Alberich - Hagen, meu filho, odeia os felizes! Mas a mim, o infortunado, o carregado de tristezas, ama-me como deves. Sê forte, audacioso e habilidoso: nossa inveja já está atormentando aqueles que nós combatemos com as forças da escuridão. Pois aquele que arrebatou o anel de mim, Wotan, o ladrão impiedoso, foi vencido por alguém de sua própria raça: ao Walsung, ele teve que ceder sua senhoria perdida e seu poder; agora, com a inteira tribo dos deuses, em pleno temor, ele espera pelo seu fim. A ele eu não mais temo: com todos os deuses terá ele que perecer! Estás adormecido, Hagen, meu filho?

Hagen - (Mantendo sua atitude) Quem, então, irá herdar o poder dos deuses?

Alberich - Eu - e tu: nós herdaremos o mundo se eu justamente acreditar em tua lealdade, se dividires comigo meu ódio e minha fúria. A lança de Wotan foi quebrada em pedaços pelo Walsung, que abateu em batalha a Fafner, o dragão, e de coração leve levou consigo o Anel: agora ele é senhor de todos os poderes. O Valhalla e o Nibelheim se inclinam perante ele. Sobre o herói sem medo, minha maldição não tem poder: pois ele não conhece o valor do anel, ele não faz nenhum uso de sua capacidade maravilhosa; rindo, em um leve olhar de amor, ele está desgastando sua vida. Sua destruição somente irá nos ser útil agora. Estás me ouvindo, Hagen, meu filho?

Hagen - (sempre como antes) Para sua própria ruína, ele me serve agora! Alberich - O anel dourado, o anel mágico, deves garantir para ti! Uma mulher sábia vive somente para o amor de Walsung; se ela pudesse aconselhá-lo a devolver o anel às filhas do Reno - que nas profundidades do rio me fizeram uma vez de louco - então estaria o ouro perdido para mim, e nenhuma astúcia poderia jamais recuperá-lo ou obtê-lo de novo. Portanto, incessantemente, luta para obter o anel. Eu te eduquei destemidamente para esse fim, para que pudesses enfrentar com firmeza o herói. Se bem que não suficientemente forte para matar o dragão, pois isto tinha sido decretado que somente o Walsung o poderia fazer, ainda assim, um ódio altivo eu alimentei e encorajei em ti: agora poderás vingar-me e ganhar o Anel para mim, a despeito do Walsung e de Wotan! Irás jurar que farás isto, Hagen, meu filho?

(A partir deste momento, a obscuridade passa a envolver Alberich. - Ao mesmo tempo a primeira luz do dia começa a aparecer ao fundo)

Hagen - (Como precedentemente) Com certeza obterei o anel: saiba somente esperar pacientemente!

Alberich - Tu juras isto, Hagen, meu herói?

Hagen - Para mim mesmo eu juro: silencia teus temores.

(A medida que Alberich desaparece gradualmente da cena sua voz se faz mais fraca)

Alberich - Sejas leal, Hagen, meu filho! Herói amado, sejas leal! Sejas leal! Sejas leal!

(Alberich desapareceu completamente)

(Hagen, que retém sua posição sem movimento, olha fixamente para o Reno, onde aumenta a claridade da aurora. As águas do Reno estão coloridas com a luz vermelha do sol matutino)

CENA 2

Siegfried, Hagen, Gutrune

Siegfried aparece repentinamente por de trás de uma moita. Está em sua própria forma, mas ainda mantém sobre a cabeça o Tarnhelm. Ele tira o elmo e o suspende em sua cintura, enquanto dá um passo à frente.

Siegfried - Roirô! Hagen! O homem fraco e débil! Estás me vendo chegar? Hagen - (Levantando-se calmamente) Rai! Siegfried! Doce herói! De onde chegas tão apressado?

Siegfried - Do rochedo de Brünnhilde. Lá eu induzi com afagos e artifícios a moça a me dar aquilo que tinha prometido a ti: tão rápido foi meu vôo!

O par está seguindo para cá, com mais vagar; estão chegando no bote. Hagen - Então dominaste Brünnhilde?

Siegfried - Gutrune está acordada?

Hagen - (Chamando para o palácio) Roirô! Gutrune! Vem para cá! Siegfried está aqui. Por que demoras?

Siegfried - (Retornando ao palácio) Contarei a vocês dois como Brünnhilde foi conquistada. (Gutrune vem do hall para seu encontro) Dá- me tuas boas-vindas, filha de Gibich! Trago-te boas novas!

Gutrune - Fréia dê a ti seus cumprimentos, em busca de todas as mulheres!

Siegfried - Sê agora graciosa e atenciosa para com o teu admirador; pois, hoje, eu te ganhei para seres minha esposa.

Gutrune - Então, Brünnhilde vem vindo com meu irmão?

Siegfried - Ela foi facilmente conquistada para teu irmão!

Gutrune - O fogo não o machucou?

Siegfried - Ele, também, não teria sido ferido pelo fogo; mas, em seu lugar, eu atravessei as chamas, pois estava eu desejando alegremente ganhar-te em prêmio como minha esposa.

Gutrune - E o fogo não te queimou, também?

Siegfried - Eu gostei das chamas voltei antes.

Gutrune - E Brünnhilde tomou-te por Gunther?

Siegfried - Eu me assemelhava a ele até no cabelo; o Tarnhelm efetuou a mágica mudança, assim como Hagen nos disse acertadamente.

Hagen - Eu te dei um bom conselho.

Gutrune - Então, dominaste a intrépida mulher?

Siegfried - Ela rendeu-se - à força de Gunther!

Gutrune - E ela casou-se contigo?

Siegfried - A seu marido Brünnhilde pertenceu por uma inteira noite nupcial.

Gutrune - E passaste por marido dela?

Siegfried - Siegfried estava sempre com Gutrune.

Gutrune - Mas, mesmo assim, Brünnhilde estava ao teu lado?

Siegfried - (Mostrando sua espada) Entre o leste e o oeste está o norte: tão perto, tão longe estava Brünnhilde de mim.

Gutrune - Como recebeu Gunther, Brünnhilde de ti?

Siegfried - Através do insuficiente brilho do fogo na neblina matutina, ela me seguiu desde o rochedo até o vale; perto da praia, Gunther mudou novamente de forma comigo: então, por meio do encantamento do Tarnhelm, eu prontamente desejei chegar logo até aqui. Um forte vento agora está guiando os amantes acima do Reno! Apressem-se, pois, a dar-lhes as boas vindas!

Gutrune - Siegfried! O mais poderoso entre todos os homens! Como o temor de ti está me tomando!

Hagen - (Que está olhando para baixo, das alturas do palácio, no fundo) Bem ao longe eu vejo uma embarcação.

Siegfried - Agradeçam, então, ao mensageiro!

Gutrune - Acolhâmo-la calorosamente, assim que ela possa residir entre nós prazerosa

e alegremente. Tu, Hagen, chama os homens para a corte de Gibich para o casamento! As mulheres, portando jóias e adornos, eu chamarei para a festa: a minha alegria elas irão comigo compartilhar (ela vai em direção ao hall, e volve a cabeça). E tu aí, herói sem medo? Siegfried - Ajudar-te é um repouso para mim! (Ele lhe oferece a mão e a segue para dentro do palácio)

CENA 3

Hagen, os vassallos

Hagen - (Ele está em pé sobre uma rocha ao fundo do teatro. De lá ele assopra ruidosamente sua trompa de caça)

Hagen - Rôirô! Rôirôrôrô! Ó, vós, homens de Gibich, respondi ao meu chamado! Desventura! Calamidade! Às armas! Às armas! Fora as espadas! Espadas fiéis, espadas valorosas, afiadas para a batalha. O perigo está aqui! Perigo! Desventura! Calamidade! Rôirô! Rôirô! Rôirô!

(Hagen sopra outra vez no corno. Cornos de bois são assoprados, em resposta ao chamado, de várias direções. - Hagen, sempre da mesma altitude sobre o rochedo assopra de novo sua trompa. Vassallos chegam correndo dos atalhos além dos rochedos e se reúnem na praia em frente do hall)

Vassallos (Variada e repetidamente, com suas vozes que se sobrepõem umas às outras) Por quê soas a trompa? Por que estás chamando às armas? Chegamos armados, viemos com nossas espadas! Hagen! Hagen! Rôirô! Rôirô! Que perigo há aqui? Que desgraça se aproxima? Gunther está em perigo? Viemos em armas, com lâminas afiadas. Quem está nos ameaçando? Rôirô! Rô! Hagen!

Hagen - (Sempre sobre o rochedo) Estejam todos prontos e não se demorem a dar as suas boas vindas a Gunther, pois ele conquistou uma esposa.

Vassallos - Está ele ameaçado por algum perigo? O inimigo estará por acaso apressando-se contra ele?

Hagen - Ele está trazendo para casa uma esposa guerreira;

Vassallos - Está ele sendo perseguido pelos parentes hostis da noiva? Hagen - Ele vem vindo sozinho, ninguém o persegue.

Vassallos - (Variadamente) Então ele venceu o perigo? Então ele sobrepujou o risco? Então ele venceu na batalha? Então ele...

1º Vassalo -...ganhou a batalha?

2º Vassalo - Conta-nos!

Hagen - O triunfador do dragão defendeu-o e o guardou dos perigos. Siegfried, o herói, assegurou sua salvaguarda.

Vassalos - Como pode, então, agora, a armada ajudá-lo?

Três Vassalos - (variadamente) O que deve a armada então fazer para ajudá-lo, agora?

Hagen - Vocês deverão matar vigorosos novilhos e deixar que seu sangue flua sobre o altar de Wotan.

Vassalos - E então, Hagen, que deveremos fazer mais?

2o Vassalo - O que mais deveremos fazer?

4o Vassalo - O que mais, então?

3o Vassalo - Que mais deveremos então fazer?

Hagen - Um urso, para Froh, deverão vocês matar; uma cabra concupiscente deverá ser abatida para Donner; e para Fricka abatam ovelhas, a fim de que ela possa sorrir no casamento!

Vassalos - (Variadamente) E quando tivermos abatido os animais, que deveremos fazer então?

Hagen - Tomem os cornos de bebida que suas namoradas deverão alegremente encher com hidromel e vinho.

Vassalos - Quando os cornos estiverem em nossas mãos (variadamente) o que deveremos então fazer?

Hagen - Bebam então copiosamente até que estiverem bêbados: tudo em honra dos deuses a fim de que eles possam sorrir para o casamento. Vassalos - (Caindo alegremente em gargalhadas) - Rá, Rá, Rá!.. Risos e fortuna iluminem agora o Reno, se o triste e feroz Hagen está tão feliz! As noites espinhosas não mais são pungentes; (variadamente) ele está se comportando como o heraldo do casamento. A fortuna sorri para o Reno,....

Hagen - (Descendo de cima do rochedo para ir se juntar aos vassalos) Agora parem suas risadas, bravos vassalos! Deem suas boas vindas à esposa de Gunther: Brünnhilde e ele estão chegando. (Ele indica aos guerreiros um ponto do rio. Durante a algazarra o barco tinha chegado à borda da praia. Uns guerreiros se agrupam sobre o rochedo, outros sobre um ponto alto para verem os que chegam. Hagen vai para o meio dos vassalos) Sejam afáveis com sua senhora, sirvam-na lealmente; se ela for magoada, sejam apressados em vingá-la!

(Ele se dirige lentamente para a costa ao fundo. Todos veem o barco e nele Gunther e Brünnhilde)

Vassalos - (Ao passo que o bote se aproxima da praia, trazendo Gunther e Brünnhilde)
Viva! Viva! Bem-vindos! Bem-vindos!

(Alguns entram dentro d'água e trazem o barco para a areia. Todos os homens descem para o rio) Sejam bem-vindos! Gunther! Salve! Salve!

CENA 4

Gunther, Siegfried, Brünnhilde, Hagen, Gutrune, Vassalos, Mulheres

Gunther e Brünnhilde desembarcam. Gunther conduz gravemente Brünnhilde segurando-a pela mão. Os vassalos fazem mesuras de respeito ao casal que passa.

Os Vassalos- Glória para ti, Gunther! Salve para ti e tua mulher! Sejam bem-vindos!

Gunther - (Apresentando Brünnhilde, que permanece pálida e de olhas baixos) Brünnhilde, uma mulher sem par, eu aqui trago para o Reno: uma esposa mais nobre nunca foi por ninguém conquistada. Para a raça dos Gibicungos, os deuses garantiram suas graças, possa, esta raça, agora, chegar ao mais alto renome!

Vassalos - Viva! Salve para ti, o mais nobre entre os Gibicungos! (Gunther conduz Brünnhilde para o hall, do qual Siegfried e Gutrune, atendida por suas mulheres, agora vêm para a frente)

Gunther - (Parando à frente do hall) Eu te saúdo, nobre e fiel herói! Salve para ti, gentil irmã! Estou feliz por vê-la perto dele, daquele que conquistou-a para esposa. Dois felizes pares brilham diante de vós todos (ele conduz Brünnhilde mais para a frente): Brünnhilde e Gunther; Gutrune e Siegfried!

(Ao ouvir o nome de Siegfried ser pronunciado, Brünnhilde levanta seu olhar e fica surpreendida ao ver Siegfried diante de si - Gunther que tinha deixado bruscamente a mão de Brünnhilde, fica imóvel e atônito, assim como todos os espectadores)

Vassalos - (Intrigados por seu comportamento) O que estará perturbando-a? Estará ela aflita e agitada? (Brünnhilde começa a tremer)

Siegfried - (Adiantando alguns passos para perto de Brünnhilde) Por que está Brünnhilde parecendo tão agitada e perturbada?

Brünnhilde - (Não podendo mais se dominar) Siegfried....aqui...! Gutrune...!

Siegfried - É ela a gentil irmã de Gunther: comigo casada, assim como tu estás casada com Gunther.

Brünnhilde - (Com uma terrível violência) Eu...Gunther...?. Tu mentes!... (ela está quase desmaiando. Siegfried a segura) Meus olhos estão obscurecidos.. (Ela se desgruda dos

braços de Siegfried) Siegfried. - não mais me reconheces?

Siegfried - Gunther, tua esposa está indisposta! (Gunther chega para perto) Acorda, abre teus olhos, mulher! Aqui está o teu marido!

Brünnhilde - (Percebendo o anel no dedo estendido de Siegfried) Ah, o Anel..em tua mão! Ele? Siegfried?

Vassalos - O que está acontecendo? O que está acontecendo?

Hagen - (vindo do fundo da cena, juntando-se aos homens da frente) Ouçam agora atentamente o lamento da mulher!

Brünnhilde - (Buscando conter sua terrível emoção) Um anel eu vi em tua mão: não é teu, pois foi tirado de mim com violência (apontando para Gunther) por este homem! Como conseguiste tomar o anel dele?

Siegfried - (Considerando atentamente o anel em seu dedo) Eu não o obtive dele.

Brünnhilde - (Para Gunther) Tu tomaste de mim o anel com o qual eu fiquei casada contigo; diga então para ele sobre teus direitos, toma de volta o penhor!

Gunther - (Com um grande embaraço) O Anel? Eu não dei nenhum anel para ele; e, no entanto, tu o conheces bem?

Brünnhilde - Onde escondeste o anel que roubastes de mim? (Gunther se cala, profundamente ansioso)

Brünnhilde - (Recompondo-se, furiosa) Ah, foi ele que arrancou o Anel de meu dedo! Foi Siegfried, o ladrão fraudulento!

(Todos, angustiados, observam Siegfried como absorvido na contemplação do anel e perdido em suas reflexões)

Siegfried - Não foi de uma mulher que eu recebi o anel! Nem foi uma mulher que me fez conquistar o anel: eu bem me lembro dos despojos da batalha que eu ganhei em Neidhöhle, quando trucei o potente dragão. Hagen - (Avançando entre eles) Brünnhilde, valente esposa, conheces bem esse anel? Se foi aquele que deste a Gunther, então é a ele que o anel pertence, e Siegfried o conquistou por meio de uma fraude, pela qual o traidor deverá pagar!

Brünnhilde - (Com uma pungente expressão de dor, ofegante) Traída! Traída! Traída do modo mais vergonhoso! Traição! Traição! Alma de todas as vinganças!

Mulheres - Traição!

Gutrune, Vassalos - Traição!

Gutrune - Para quem?

Mulheres - Para quem?

Vassalos (Diversamente) Traição? Para quem?

Brünnhilde - Deuses santos! Governantes celestes! Era então este, o significado de vosso decreto murmurado? É este o vosso ensinamento para mim, de tal infelicidade, como nunca ninguém já sofreu? Formastes então para mim uma vergonha sem igual, tal como ainda ninguém já suportou? Ensinem-me agora uma vingança, tal assim como ainda ninguém nunca provou! Acendei em mim uma raiva tamanha, que nunca possa ser acalmada! Digam a Brünnhilde que seu coração se despedaça, para trazer a ruína daquele que a atraçou covardemente!

Gunther - Brünnhilde, esposa minha, detém-te!

Brünnhilde - Para trás, traidor, tu mesmo traído! Saibam, então, todos vocês, não para ele, (e apontando para Siegfried) mas para este homem aqui é que me dei por esposa há dias.

Mulheres - Siegfried? O esposo de Gutrune?

Vassalos - O esposo de Gutrune?

Brünnhilde - Ele extorquiu de mim deleite e amor!

Siegfried - Tu guardas assim para pôr em baixa o teu próprio bom nome? À língua que me calunia, deverei dizer que é mentirosa? Ouçam, vocês todos, se eu quebrei minha fé! Irmandade de sangue eu jurei a Gunther: Nothung, minha boa espada, guardou o juramento de lealdade; sua lâmina afiada nos manteve separados - essa esposa infeliz e eu. Brünnhilde - O herói enganador, vede como mente, e erradamente ainda apela para sua espada! Eu conheço profundamente bem sua agudeza, mais sua bainha também conheço, dentro da qual a espada repousou, apoiada contra a parede, Nothung, a fiel amiga, quando seu dono conquistou a sua amada!

Vassalos - (Variadamente) O quê? Ele quebrou sua fé? Ele sujou a honra de Günther?

Mulheres - Ele quebrou sua fé?

Gunther - Deverei eu ser desgraçado, envergonhado diante de todos aqui, se não reagires como conveniente a uma acusação tão grave?

Gutrune - Sem fé, Siegfried, como podes tramar uma traição? Testemunha que esta mulher te acusa erroneamente!

Siegfried - Se eu silenciar em defesa da acusação, a ponta de que arma irá testemunhar minhas palavras?

Hagen - Jura sobre a ponta da minha lança; eu guardarei o juramento com todas as honras!

(Os vassallos formam um círculo em torno de Siegfried e de Hagen. Hagen apresenta a sua lança; Siegfried põe dois dedos de sua mão direita sobre a ponta da lança)

Siegfried - Lança brilhante! Lama santificada! Ajuda meu solene juramento! Pela ponta da haste eu juro: ponta aguda, marca minhas palavras! Quando o aço for me golpear, quando a morte for me encontrar, tu irás ao meu encontro; se a acusação dessa mulher for verdadeira, se eu quebrei a fé com meu irmão!

Brünnhilde (Entrando furiosamente para dentro do círculo, arrancando a mão de Siegfried da ponta da lança, e apoiando a ponta com a sua própria mão) Lança brilhante! Lama santificada! Ajuda-me eu meu juramento solene! Pela ponta da lança eu juro: ponta afiada, marca minhas palavras! Eu consagro a tua força para que ela o abata; eu abençoo o teu corte para que ele o estraçalhe; pois se este homem aqui quebrou todos seus votos, ele agora jurou em falso!

Vassallos - (Possuídos de grande emoção) Ajuda, Donner! Faze bramir tuas trovoadas, para silenciar esta estridente vergonha!

Siegfried - Gunther, toma cuidado com tua esposa, que de calúnia tu não deves ter vergonha nenhuma! Faze-a parar, a selvagem moça da montanha, até que ela abandone a fúria insolente que a habilidade malvada de um demônio fez levantar-se contra todos nós! Vassallos, retrocedei! Deixemos as altercações das mulheres! Como covardes nós nos retiramos prazerosamente, quando elas se tornam batalha como linguarudas! (Aproximando-se de Guther) Crê-me, estou mais injuriado do que tu, por ter falhado em decepcioná-la inteiramente: é como se o Tarnhelm me tenha dissimulado somente em parte. Mas os rancores femininos passam logo; ela estará logo agradecida por eu tê-la conquistado para ti. (Ele se volta para os vassallos) Agora, homens, sigam-me para a festa! (Às mulheres) Vocês, mulheres, ajudem no casamento! Deixemos que os mortos luxuriosos façam um anel em volta de suas risadas; nas casas e nos campos mais alegre que todos eu estarei hoje. Deixem que aquele que ama seja alegre, com coração alegre e leve, tomem parte na minha alegria!

(Siegfried enlaça, num movimento de alegre abandono, a cintura de Guttrune e entra com ela no salão. Os homens e as mulheres se juntam a eles, contagiados por sua alegria. A cena fica quase totalmente vazia. Somente Brünnhilde, Gunther e Hage ali permanecem. Gunther, com uma dúvida profunda e agitado por um terrível mal-humor, senta-se à parte e se esconde de ser visto. - Brünnhilde avança para o centro da cena e segue com um olhar de grande dor a Siegfried e Guttrune. Agora, ela baixa a cabeça).

CENA 5

Brünnhilde, Hagen, Brünnhilde

Brünnhilde - (Meditativa) Qual será o engano demoníaco que jaz aqui escondido? Qual a habilidade de mágica que agitou toda essa perturbação? Onde está, agora, a minha sabedoria, com toda essa confusão? Onde estarão meus sinais rúnicos, para poder ler este enigma? Oh, infelicidade! Infelicidade! A maldição está sobre mim! A maldição está sobre mim! Toda a minha sabedoria eu dei para ele; em seu poder ele me mantém; estreito em seus vínculos, ele mantém o preço pelo qual, enlutado pela sua vergonha, ele, homem rico, com júbilo ele atira fora! Quem quererá oferecer-me a sua espada, com a qual poderei cortar meus laços?

Hagen (No ouvido de Brünnhilde) Acredita em mim, esposa traída! Eu tomarei vingança diante daquele que te enganou!

Brünnhilde - (Com um olhar de enfado) De quem?

Hagen - De Siegfried, que te enganou.

Brünnhilde - De Siegfried...tu? (ela sorri amargamente) Um só rápido olhar de seus olhos brilhantes - que mesmo por meio de sua forma enganadora, com seu encanto brilhante passou iluminando-se sobre mim - iria espantar para sempre tua maior coragem!

Hagen - E ainda assim, por causa de seu juramento perjuro, minha lança não deverá matá-lo?

Brünnhilde - Juramentos e perjuros - palavras ociosas! Procura meios mais fortes para armar tua lança ou espada, se quiseres sobrepujar o mais forte! O mais forte entre todos os homens!

Hagen - Bem conheço a força vitoriosa de Siegfried, e quão duro será matá-lo em batalha: então, dá-me conselho secreto de como o herói poderá cair em meu poder.

Brünnhilde - Ó ingratidão! Ó vergonhosa recompensa! Não há arte nenhuma a mim conhecida, que não possa trabalhar para sua prosperidade! Todo sem espírito, ele está circundado pela minha mágica, que o protege de todas as feridas.

Hagen - Então, nenhuma arma poderá atingi-lo fatalmente?

Brünnhilde - Em batalha, nenhuma: e, ainda,—se tu o golpeares - nunca eu soube, ele render-se ao inimigo, nem fugindo, ele apresentaria as costas: e assim, nenhuma magia poderia eu fazer neste ponto.

Hagen - É aí que minha lança irá golpear! (Ele retorna rapidamente de Brünnhilde para Gunther) Levanta-te, Gunther! Nobre Gibicungo! Aqui está tua galante esposa!

Por que estás tão cheio de aflição?

Gunther - (Com um suspiro de dor) Ó vergonha! Ó infâmia! A maldição está sobre mim, o mais desgraçado dos homens!

Hagen - Na verdade, eu vejo, estás afundado na vergonha!

Brünnhilde - (Para Gunther) O homem covarde! Falso para com sua companheira! Atrás de um herói ele se esconde, para que possa conquistar para si o prêmio da fama! A raça senhorial baixou como nunca à indignidade, se pôde gerar um semelhante covarde!

Gunther - (Fora de si) Enganador eu sou - e enganado! Traidor eu sou - e traído! Esmagados sejam meus ossos, quebrado meu peito! Ajuda-me, Hagen! Ajuda minha honra! Ajuda tua mãe, pois ela também te gerou! Hagen - A ti não pode ajudar nenhum cérebro; a ti não pode ajudar nenhuma mão; a ti somente uma coisa poderá ajudar-te: a morte de Siegfried!

Gunther - (Com horror) A morte de Siegfried?

Hagen - Somente ela poderá expiar a tua vergonha!

Gunther - (Com o olhar fixo nele) Eu e ele juramos uma irmandade de sangue!

Hagen - A aliança rompida clama por seu sangue!

Gunther - Quando ele quebrou a aliança?

Hagen - Quando ele te traiu.

Gunther - Ele me traiu?

Brünnhilde - Ele te traiu e a mim, vocês todos são traidores! Se eu tomasse para mim o que me é devido, todo o sangue do mundo não conseguiria lavar as culpas de vocês! Mas a morte de um irá me servir para tudo: deixa que Siegfried morra - em expiação para ele mesmo e para ti! Hagen - (Com mistério, virando-se para Gunther) Deixa que ele morra.. para teu proveito. O Poder, além de todos os teus sonhos, será teu, se pudeses conseguir para ti o Anel, que somente na morte ele deixará ser retirado de seu dedo.

Gunther - O Anel de Brünnhilde?

Hagen - O Anel do Nibelungo.

Günther - (Suspirando) Deve ser este o fim de Siegfried?

Hagen - Sua morte será de proveito para todos nós

Günther - Mas e Gutrune, ah, a quem eu mui prazerosamente o dei; se

assim nós matarmos seu marido, como poderíamos voltar a olhar para ela?

Brünnhilde – (Partindo com fúria) O que minha sabedoria me ensinou? O que meus sinais rúnicos predisseram? Em miséria, sem poder ter ajuda, isto tudo está agora me esmagando: Guttrune é a mágica que roubou de mim o meu marido! Possa o terror encontrá-la!

Hagen – (Para Günther) A morte dele deve afligi-la, mas o feito pode ser escondido dela. Em uma partida de caça poderemos ir amanhã: o herói quererá correr para a frente - um urso pode ser acusado da morte dele. Günther e Brünnhilde - Assim será! Siegfried deverá morrer! Ele deve apagar a vergonha que trouxe sobre mim! Ele traiu seu solene juramento: com seu sangue deverá ele expiar o seu crime! Onisciente deus da vingança! Testemunha de juramentos, guardião de votos! Wotan! Volta teu olhar para cá! Ela recorre a ti! Faze com que a arma santa dos deuses venha e consagre o pacto vigativo!

Hagen - Assim deixem morrer o herói brilhante! Meu é o tesouro, a mim ele deverá pertencer. Assim deve o anel dele ser arrancado. Pai dos anões, príncipe decaído! Guardião da noite! Senhor dos Nibelungos! Alberich! Ouve-me enfim! Faz com que as hordas nos Nibelungos se inclinem mais uma vez aos teus desejos, como o Senhor do Anel!

(Quando Günther e Brünnhilde retornam para o hall, eles se encontram com o cortejo nupcial que já está saindo. Rapazes e moças, agitando bastões floridos, saltam alegremente e felizes. Os homens conduzem Siegfried sobre um broquel e Guttrune sobre uma poltrona. No alto, ao fundo da cena, servos e servas sobem os atalhos que conduzem ao encontro das pedras sagradas, levando os instrumentos do sacrifício e conduzindo os animais que serão imolados, estes enfeitados com guirlandas de flores. - Siegfried e seus guerreiros fazem soar seus cornos, tocando a fanfarra das núpcias. As mulheres convidam Brünnhilde a lhes seguir no cortejo de Guttrune. - Brünnhilde olha fixamente aquela que lhe fez um sinal, com um sorriso afetuoso. Recusa-se a ir atrás do cortejo, tomada de terror. Hagen avança e a força a se juntar a Günther, que a toma pela mão.- O cortejo, interrompido contra a vontade, por esses episódios, reencontra imediatamente sua ordem em movimento.

Fim do Segundo Ato

Terceiro Ato

Uma garganta selvagem, rochosa e arborizada, às margens do Reno, que corre ao fundo, ao pé de um promontório em forma de falésia íngreme.

Cena 1

As três filhas do Reno, Siegfried

As três filhas do Reno, Woglinde, Wellgunde e Flosshilde, surgem à superfície do rio, e nadam em círculo, como em uma dança

Woglinde, Wellgunde e Flosshilde - (Moderando seus movimentos de natação) A senhora do sol expande raios de luz; nas profundidades está a noite: uma vez era claro, aqui, quando, a salvo e radioso, o ouro do nosso pai ainda brilhava. Ouro do Reno! Ouro puro! Quão resplandescente brilhavas tu aqui antigamente, estrela resplandescente das profundezas! Vaialaia! Vaialaia! (O fraco som de um corno se ouve na distância, as três moças ficam na escuta e então recomeçam sua alegre nadada). Senhora do sol, envia-nos o herói que possa devolver-nos o ouro. Se ele nos fizer readquirir o ouro, nós não mais iremos invejar o olho que você põe brilhantemente sobre nós. Ouro do Reno! Ouro puro! Quão alegremente então tu brilharias para nós, livre estrela da profundidade!

(Ouve-se o corno de Siegfried como vindo do alto)

Woglinde - Eu ouço seu corno.

Wellgunde - O herói está chegando.

Flosshilde - Reunamo-nos em conselho!

(As três se imergem depressa na água. Siegfried aparece no recife, todo armado)

Siegfried - Um duende me conduziu em um falso caminho, de modo que perdi a pista: oh, ladrão, em qual destes rochedos escondeste minha caça?

Woglinde, Wellgunde e Flosshilde - (Aparecendo à superfície da água e nadando em círculo) Siegfried!

Flosshilde - Por que estás assim murmurando sozinho?

Wellgunde - Com qual elfo estás desgostoso?

Woglinde - Algum espírito mágico te fez alguma brincadeira?

Woglinde, Wellgunde e Flosshilde - Conta-nos, Siegfried, conta-nos o que aconteceu?

Siegfried - (Olhando para elas sorrindo) Encantou vocês, com seus encantamentos, o camarada brincalhão que desvaneceu de minha frente? É ele, talvez, seu bem-amado? Então, alegres donzelas, eu - com prazer o deixo em vosso poder.

(As filhas do Reno têm uma explosão de riso)

Woglinde - Siegfried, o que tu nos vai dar, se nós te entregarmos tua caça? Siegfried - Nada apanhei de tão difícil nem tão distante, peçam pois o que desejarem.

Wellgunde - Um anel dourado brilha em teu dedo - Woglinde, Wellgunde e Flosshilde - Dá-nos esse anel!

Siegfried - Um poderoso dragão eu trucei para poder ganhar este anel: deverei agora oferecê-lo a vós, em troca de uma mísera pata de urso? Woglinde - És tão avarento e mesquinho?

Wellgunde - Tão pechinchador em tuas tratativas?

Flosshilde — Deverias ser mais generoso com as mulheres.

Siegfried - Se eu gastar minhas riquezas convosco, minha esposa ficaria zangada comigo.

Flosshilde - Ela é muito má?

Wellgunde - Tu apanhas muito dela?

Woglinde - O herói já sente a mão dela!

(As três desatam novamente a rir)

Siegfried - Bem, riam quanto puderes, eu deverei deixá-las tristes: pois porquanto vós estejais desejando ardentemente o anel, eu nunca darei ouvido às vossas pretensões.

Flosshilde - Tão lindo!

Wellgunde - Tão forte!

Woglinde - Tão digno de amor!

Woglinde, Wellgunde e Flosshilde - Que pena que seja tão miserável! (Mais uma vez desatam a rir e então tornam a mergulhar nas águas) Siegfried - (Descendo mais para o fundo do vale) Por que deverei suportar esses tristes elogios? Deverei tolerar vossos escárnios? Se elas voltassem novamente à superfície da água, elas poderiam ter o anel. Ei, ei! Oh, alegres moças aquáticas! (Tirando o anel de seu dedo) Venham depressa, dar-vos-ei de presente o anel!

(As filhas do Reno voltam novamente à superfície: estão agora graves e solenes)

Flosshilde - Guarda-o, herói, até descobrires a má sorte...

Woglinde e Wellgunde -...que esse anel traz.

Flosshilde - Então, estarás bem contente...

Woglinde, Wellgunde -...estarás contente, se nós te libertarmos... Flosshilde -...se nós te libertarmos...

Flosshilde, Woglinde, Wellgunde -...da maldição!

Siegfried - (Recolocando, calmamente, o anel em seu dedo) Dizei-me, então, o que sabeis?

Woglinde, Wellgunde, Flosshilde - Siegfried! Siegfried! Siegfried! Sabemos que muitos males estão à tua espera!

Wellgunde - Para tua infelicidade, possuis o anel!

Wellgunde, Flosshilde - Do ouro do Reno...

Woglinde, Wellgunde, Flosshilde -...foi o anel forjado...

Wellgunde -...aquele que astuciosamente o forjou, e por sua vergonha o perdeu...

Woglinde, Wellgunde -...invocou uma maldição sobre o anel... Woglinde, Wellgunde e Flosshilde -...para todo o sempre, a fim de trazer a morte àquele que o usar.

Flosshilde - Assim como trucidaste o dragão...

Wellgunde, Flosshilde -...assim também serás trucidado...

Woglinde, Wellgunde e Flosshilde -...e ainda neste dia de hoje, assim te garantimos, se tu não nos devolveres o anel...

Wellgunde, Flosshilde -...para que nós possamos escondê-lo bem no fundo do Reno.

Woglinde, Wellgunde, Flosshilde - Somente suas águas poderão lavar e anular a maldição!

Siegfried - Ó vis mulheres, deixai que isto aconteça! Mui pouco fui eu enganado por vossas adulações; e ainda menos estou espantado pelas vossas ameaças.

Woglinde, Wellgunde, Flosshilde - Siegfried! Siegfried! Nosso aviso é sincero: foge, foge da maldição! Foi tecida de noite pelas Nornas, na corda sem fim do tempo e do destino.

Siegfried - Minha espada uma vez lascou uma lança! A corda sem fim do tempo e do destino - se bem que possa haver uma maldição tecida em seus fios, Nothung será há-

bil para reduzi-la em pedaços! Um dragão me avisou uma vez acerca da maldição - e ainda não me ensinou portanto a ter medo! Herdeiro do mundo, havia um anel que poderia me fazer, para o favor do amor eu o teria de bom grado deixado para outrem. Eu o teria dado a vós, se me tivésseis demonstrado favor. Mas vós ameaçaram a vida e braços que eu tenho, e mesmo que o anel fosse menos digno do que um dedo, vós não conseguiríeis tirá-lo de mim nem com a força! Para a vida e para os meus braços, vede, assim eu o lanço fora! (Ele apanha um torrão de terra e o joga atrás de suas costas)

Woglinde, Wellgunde, Flosshilde - Vamos, irmãs! Deixai esse louco! Tão sábio e forte o herói julga ser (em uníssono), tão sábio e forte o herói julga ser, amarrado e cego assim mesmo ele juramentos fez (elas nadam com uma grande agitação, descrevem largas curvas, até mesmo à borda da cena) - e não os mantém; sinais rúnicos ele conhece - (ainda em agitação) e não presta atenção a eles!

Flosshilde - Um maravilhoso presente era garantido para ele:... Woglinde - Um maravilhoso presente era garantido para ele:... Woglinde, Wellgunde, Flosshilde -E ele o desprezou e rejeitou, nem sabe! Flosshilde - Somente o anel;

Wellgunde -...que lhe trará a morte...

Woglinde, Wellgunde, Flosshilde -...somente o anel, ele segura estreitamente! Adeus, Siegfried! Uma orgulhosa mulher hoje mesmo irá herdá-lo de ti: (variadamente) ela nos dará melhor ouvido.

Vamos a ela! (Elas nadam lentamente ao se afastarem) A ela! A ela!

(Elas se agrupam e se afastam, em constante nado. Siegfried as segue com os olhos, sorrindo, um pé pisando sobre um bloco de rocha do rio e com o queixo sobre a mão)

Vaialálá, vaialalá, laia, laia, vallala...

Siegfried- (Enquanto as vozes das filhas do Reno desaparecem na distância) Na água e na terra, aprendi agora os caminhos das mulheres: o homem que não dá crédito aos seus elogias, por elas é apavorado com ameaças; o homem que corajosamente as desafia é açoitado pelas suas línguas. (As filhas do Reno estão completamente desapontadas) E ainda - não fosse eu leal para Gutrune, uma dessas lindas mulheres eu a teria feito minha!

(Cornos de caça são ouvidos aproximando-se, e Siegfried responde ao chamado deles com o seu próprio corno)

Cena 2

Siegfried, Hagen, Günther, Vassalos

Hagen - (Ainda ao longe) Rôirô!

Vassalos - Rôirô!

(Siegfried sai bruscamente do rio e responde à fanfarra com um apelo entendível, no seu corno)

Siegfried - Rôirô! Rôirô!

(Hagen e Günther aparecem pela direita)

Hagen - Finalmente, descobrimos aonde tinhas ido!

Siegfried - Vinde para cá! Está fresco e agradável aqui!

(Os vassalos chegam na altura e todos descem depressa para alcançar Siegfried)

Hagen - Aqui iremos descansar e comeremos. (A caça abatida é inteiramente minha) Ponham no chão as prendas de caça e passem em volta os odres de vinho. (Odres e cornos com vinho são feitos passar pelos presentes e todos se estendem ao chão para descansar) Daquele que espavoriu nosso jogo e assustou a nossa presa, iremos agora ouvir as maravilhas da caça, de Siegfried.

Siegfried - Estou grandemente necessitando comer: terei que pedir parte de vossa presa.

Hagen - Não tiveste sorte?

Siegfried - (Rindo amarelo) Eu andei caçando por uma floresta, mas tudo o que eu vi foi somente um pássaro aquático; estivesse eu bem equipado, poderia ter apanhado para ti três selvagens pássaros aquáticos, que cantaram para mim aqui à margem do Reno; ou eu teria sido por eles trucidado. (Siegfried assenta-se entre Günther e Hagen).

Günther - (Assentado, olha Hagen com um ar sombrio)

Hagen -Teria sido, na verdade, um pobre dia de caça, se o infeliz caçador viesse a ser ele mesmo morto por uma besta escondida!

Siegfried - Estou com sede!

Hagen - (Oferecendo a Siegfried um corno cheio de vinho) Ouvi dizer, Siegfried, que tu podias entender a fala cantante dos pássaros: será isto mesmo verdade?

Siegfried - Faz muito tempo, que eu dei atenção a seus cantos (bebe e então oferece o corno para Günther). Beba, Günther, beba! Teu irmão deixou para ti!

Günther - (Olhando dentro do corno, horrorizado) Misturaste a bebida fraca e pálida! (Ainda mais insensível) Teu sangue somente está aqui dentro.

Siegfried - Mistura-o também com o teu! (Ele derrama o líquido do corno de Günther dentro do seu até que o líquido extravase) Agora, misturados os dois juntos, eles extravasam; a mãe-terra, assim tem também a sua parte!

Günther - (Com um profundo suspiro) O alegríssimo herói!

Siegfried - (À parte, para Hagen) Talvez Brünnhilde esteja lhe causando tristeza!

Hagen - (Bem baixinho para Siegfried) Se somente tu pudesses entender, assim como entendes a língua dos pássaros!

Siegfried - Desde que eu ouvi o canto das mulheres, quase esqueci o canto dos pássaros!

Hagen - Mas, ainda uma vez tu os endente, não?

Siegfried - (Voltando-se com vivacidade para Günther) Ei, Gunhter! Homem entristecido! Dize somente uma palavra, e eu te contarei histórias da minha mocidade.

(Günther e Hagen se instalam aos pés de Siegfried que, só e sentado, o busto direito mais alto que o outro, tem todos estendidos por cima dele) Günther - Ouvir-te-ei de bom grado.

Hagen - Então, dizei-nos essa história!

Siegfried - Um anão ruim, chamado Mime, impelido pela inveja, criou-me e educou-me. Logo que a criança cresceu e se tornou forte e audaciosa, ele a levou para trucidar um dragão que guardava um tesouro, já há muito tempo, numa caverna na floresta. O anão ensinou-me o trabalho de ferreiro e de fundição dos metais: mas o que o artesão não poderia fazer ele mesmo, o audacioso aprendiz devia executar - forjar novamente em uma espada os pedaços de uma arma rompida. A lama de meu pai eu tornei a pôr em ordem: firme e dura, eu fabriquei Nothung. O anão tinha tentado esse feito mas nunca conseguiu. O anão me conduziu, então, à densa floresta, e lá eu trucidiei Fafner, o dragão. Mas, agora, deem bom ouvido ao meu conto: maravilhosos fatos terei a contar-vos. O sangue do dragão queimou meus dedos e para esfriá-los eu os coloquei em minha boca: o sangue ainda não tinha tocado minha língua, quando eu já conseguia entender o canto dos pássaros. Um estava empoleirado em um ramo, e cantava: “Ei, o tesouro do Nibelungo pertence agora a Siegfried, quando ele encontrar o monte de joias na caverna! Quando ele tomar para si também o Tarnhelm, o elmo o ajudará em feitos maravilhosos: mas, se ele conseguir descobrir o anel, este o poderá tornar o dono e governador do mundo inteiro!”

Hagen - Tomaste, então o Tarnhelm e o anel?

Vassalos - Tornaste a ouvir o canto dos pássaros?

Siegfried - O Anel e o Tarnhel eu tomei; então, ouvi novamente o que o doce canto dos pássaros dizia: “Ei, Siegfried conquistou o anel e o elmo. Não deixemos que ele acredite no infiel Mime - ele agiu como agiu, somente para poder apoderar-se do tesouro para si mesmo! Agora ele mente, enquanto o espera; ele está perpetrando tirar logo a vida de Siegfried - Siegfried não deve acreditar em Mime!”

Hagen - Era este um bom conselho?

Vassalos - Deste a Mime o devido?

Siegfried - Em corrida mortal ele avançou para mim, com bebida venenosa; espantado e tremente ele confessou sua culpa: Nothung fez com que o infeliz fosse jazer no chão!

Hagen - O que não pôde forjar, Mime teve de experimentar! (E ri metalicamente)

Vassalos - Que mais tinha o pássaro a dizer-te?

Hagen - (Hagen enche de novo um corno de bebida e sobre ele exprime o sumo de uma planta) Beba, herói, primeiramente, de meu corno; misturei ao vinho uma erva, para que tua memória se torne mais clara, (ele estende o corno com a bebida a Siegfried) e possas lembrar os acontecimentos de longos tempos atrás!

Siegfried - (Pensativo, olha o líquido e o bebe lentamente) Tristemente eu ouvi o pássaro pousado em cima do ramo; ali ele estava empoleirado e cantava: “Ei, Siegfried matou o maligno anão! Agora ele sabe onde está escondida uma belíssima esposa para ele: em um alto rochedo, ela dorme; um fogo chamejante envolve a sua casa; se ele passar através da chama resplandecente e conseguir acordar a esposa, Brünnhilde será dele!”.

Hagen - E seguiste esse conselho?

Siegfried - Apressadamente, sem pôr tempo no meio, eu parti, arrostando tudo pela frente (Gunther ouviu tudo com uma grande surpresa), para alcançar o forte rochedo; eu passei através das chamas e encontrei meu prêmio (exaltando-se em êxtase) - uma belíssima mulher adormecida, recoberta por uma armadura resplandecente. Tomei o elmo da linda moça; e audaciosamente a beijei para acordá-la! Ah, quão apaixonadamente fiquei quando estava apertado dentro dos belos braços de Brünnhilde!

Günther - (Tomado de horror) O que eu ouço?

(Dois corvos voam de uma moita, voam em círculos em volta de Siegfried e tornam então, no seu voo, em direção ao Reno)

Hagen-Podes tu entender a fala desses dois corvos, também? (Siegfried se volta para seguir o voo dos corvos e apresenta as costas para Hagen) Vingança, eles gritaram para mim!

(Hagen, com sua lança, fere profundamente as costas de Siegfried. Siegfried recebe o golpe com um grito, vira-se para golpear Hagen com o seu escudo mas, faltando-lhe as

forças, cai estendido no chão)

Vassalos – (Que inutilmente procuraram reter Hagen) Hagen, que fizeste? Que fizeste, Hagen?

Günther - Hagen, que fizeste?

Hagen - (Apontando para Siegfried) Vinguei um perjuro!

(Hagen vai tranquilamente embora. Vê-se subir no declive escarpado o crepúsculo que começa - Günther, cheio de dor, curva-se sobre Siegfried. Os guerreiros profundamente chocados, circundam o morto)

Siegfried - (Suspenso por dois homens e posto em um assento, abre os olhos que cintilam) Brünnhilde! Esposa santa! Acorda! Abre teus olhos! Quem te envolveu de novo no sono? Quem te amarrou em vínculos de sonolência? Aquele que vai despertá-la chegou para que o seu beijo te acorde, e novamente rompa os liames da esposa. A alegria de Brünnhilde transparece em seus olhos! Ah, aqueles olhos, agora abertos para sempre! A vista e os suspiros felizes de seu respirar! Ah, doce passagem - temida e assim mesmo desejada! Brünnhilde, dá-me tuas boas-vindas! Vem até mim!

(Siegfried cai para trás morto. Os vassalos ficam imóveis, demoradamente. A noite chega. A um sinal de Günther, levantam o cadáver de Siegfried sobre seu escudo e o carregam, em procissão solene, sobre a colina rochosa, e gravemente se afastam) - Aqui segue-se a passagem orquestral conhecida como “A Marcha Fúnebre de Siegfried” –

Interlúdio Orquestral

Música Fúnebre

(A claridade da lua atravessa os vapores. O luar brilha mais e mais vivamente sobre a falésia, onde a marcha fúnebre seguiu seu curso. Vapores se elevam do Reno. Eles cobrem pouco a pouco a cena inteira, que demora a desaparecer. Quando as brumas são dissipadas, retorna-se como no Primeiro Ato, ao Palácio do Gibicungo)

Cena 3

O palácio do Gibicungo

Guntrune, Hagen, Günther, Brünnhilde

Guntrune - Parecia o som do corno de Siegfried? (Escuta atentamente) Não! Ele ainda não está vindo para casa. Maus sonhos perturbaram meu sono! Seu cavalo relinçou

selvagem e bravamente. A risada de Brünnhilde me fez acordar. Quem era a mulher que eu vi dirigir-se para a ribanceira? Eu tenho medo de Brünnhilde! Estará ela em casal (Chamando, baixinho) Brünnhilde! Brünnhilde! Estás acordada? (Timidamente, abre a porta do quarto de Brünnhilde e espia lá dentro) Seu quarto está vazio! Então era ela que eu vi descer para o Reno! (Ela escuta. Prescruta ao redor, com ansiedade) Não era, então o som do corno dele? Não! Tudo é silêncio! Se somente eu pudesse ver Siegfried! (Gutrune, hostil e assombrada, ao reconhecer a voz de Hagen, demora um instante imóvel)

Voz de Hagen - (De fora, aproximando-se) Rôirô! Rôirô! Acordem! Acordem! Luz! Luz! Tochas chamejantes! Trazemos para casa os despojos da caça! Rôirô! Rôirô! (O exterior se aclara com o crescente luar)

Hagen - (Hagen entra no hall) Vem, Gutrune! Dá tuas boas-vindas a Siegfried! O grande herói voltou para casa.

Gutrune - (Cheia de angústia) Que que há, Hagen? Seu corno está mudo! (A procissão dos vassalos, trazendo tochas com o corpo de Siegfried alcança o centro do hall; as mulheres da casa, que tinham se levantado, povoam a cena) Hagen - A presa tombada por um urso selvagem: Siegfried - teu marido- está morto!

(Gutrune lança um grito agudo e cai pesadamente sobre o cadáver. Geral comoção e tristeza)

Günther - (Esforçando-se para reanimar Gutrune) Gutrune, irmã querida! Olha para mim! Fala comigo!

Gutrune - (Recuperando-se) Siegfried! Siegfried trucidado! (Repele violentamente Günther) Vai embora! Irmão sem fé! Assassino do meu marido! O', ajudai! Ajudai! Ai de mim! Ai de mim! Mataram Siegfried! Günther -Não para mim dirijas teus ataques! Culpa, antes, Hagen: pois ele é o maldito urso que golpeou o herói!

Hagen - Estás me insultando de verdade?

Günther - Possam o mal e o terror segurar-te para sempre em suas garras! Hagen - (Avançando, com um ar de terrível desafio) Sim, pois! Fui eu quem o matou! Eu - Hagen - o golpee até à morte. Ele tinha sido destinado à minha lança, sobre a qual falsamente jurou. Pelo sagrado direito da conquista, aqui, agora, eu pretendo ficar com este anel.

Günther - Para trás! O que sobre mim, por direito, aconteceu e recebi, tu nunca poderás pretender para ti!

Hagen - Vassalos, julguem meu direito!

Günther - Será capaz de tocar na herança de Gutrune, o sem vergonha, filho de Alberich?

Hagen - (Sacando sua espada) Assim, o filho de Alberich pede a sua herança!

(Precipita-se sobre Günther, que se defende corajosamente. Os vassalos tentam se interpor. Logo, Günther é mortalmente ferido por Hagen e cai morto ao chão)

Hagen- O Anel! Será meu, finalmente!

(Ao passo que ele se dirige para Siegfried, para tomar o anel, a mão do morto se levanta ameaçadora. Hagen com um grito selvagem dá um passo para trás. Nesse momento, Brünnhilde avança com passo firme e solene) Brünnhilde - Silenciem as clamorosas exclamações de sua tristeza! Aquela que vocês todos traíram, sua esposa, vem agora para vingar-se. Ouvi crianças gritarem para suas mães porque tinham extravasado seu leite: mas não ouvi nem um lamento que fosse chorar a perda do mais nobre entre todos os heróis.

Gutrune - (Levantando-se, com vivacidade) Brünnhilde! Maldita pela tua inveja! Tu foste a culpada de ter vindo essa aflição sobre nós, foste tu que incitastes os homens contra ele. Teria sido bom se tu nunca tivesses vindo até esta casa!

Brünnhilde - Cala-te, infeliz mulher! Sua esposa legal tu nunca foste; somente como uma amante foste ligada a ele. Sua verdadeira consorte sou eu; para mim, Siegfried jurou fé eterna antes mesmo que pudesse ter te visto.

Gutrune - (No cúmulo do desespero) Maldição para ti, Hagen, por ter-me dado a poção que roubou dela o seu marido! Ah, tristeza! Quão claramente agora eu vejo que a Brünnhilde era seu único e verdadeiro amor, a quem a bebida encantada fez esquecer! (Ela se afasta de Siegfried, com vergonha, e se lança, perdida de dor, sobre o corpo de Günther. Ela fica assim, sem movimento, até o fim. Hagen levanta-se, com uma atitude de desafio, apoiado em sua lança e com seu escudo e perdido em seus pensamentos sombrios, no outro lado da cena)

Brünnhilde - (Brünnhilde sozinha no meio da cena, contempla longamente o rosto de Siegfried. Dirige-se, em seguida, majestosamente, aos homens e às mulheres) Empilha, lá em baixo, alguns troncos poderosos, ali nos bancos do Reno: alta e brilhante deixem que a chama se levante, para que possa conduzir o nobre corpo do maior entre todos os heróis. Tragam aqui o seu cavalo, para que comigo possa seguir o bravo guerreiro: pois meu próprio corpo deseja compartilhar a mais alta honra do herói. Executem a ordem de Brünnhilde! (Os mais jovens entre os homens levantam uma grande fogueira diante do palácio, às margens do Reno, enquanto a cena continua. As mulheres se apressam em ornar o corpo do herói, espalhando nele ramos e flores) Como o sol claro e resplandecente, sua luz brilha sobre mim: o mais puro de todos os homens ele era, o que foi um traidor para mim! Falso para sua esposa, verdadeiro para o amigo; de seu próprio amor verdadeiro - sua única amada - ele se excluiu com sua própria espada. Mais lealmente do que ele, ninguém nunca fez juramentos; mais fiel do que ele, ninguém, nunca o foi; mais puramente do que ele, ninguém nunca amou: e ainda todos os votos, todos os tratados, o amor mais verdadeiro - ninguém como ele jamais traiu! Sabem vocês

como isto aconteceu? Oh, sim, os eternos guardiães dos votos que são vocês, voltem seus olhos para minha tristeza enorme: olhem para seu feito culpado e eterno! Ouçam meu encargo oh veneráveis deuses! Por meio deste feito corajoso, desejado por vós, vós o condenaram - ele que o tinha cumprido - para a maldição que tinha caído sobre vós. Ele, o mais verdadeiro de todos, tinha que me trair, para que uma mulher pudesse encontrar a sabedoria! Terei eu aprendido tudo o que tem utilidade para vós? Todas as coisas, eu agora conheço: tudo está claro diante de meus olhos. As asas de seus corvos eu ouço murmurar: eu os enviarei de volta para vós, com novas sejam temidas, sejam desejadas. Descansem! Descansem, ó deuses!

(Faz um sinal aos vassalos para que o corpo de Siegfried seja levantado sobre a pira; ela retira o anel de seu dedo e olha para ele meditativamente) Minha herança, agora, eu tomo para mim, Anel maldito! Anel temido! Eu apanho o ouro e o dou para outrem. Vós, sábias irmãs das águas profundas, vós nadadoras filhas do Reno, agradeço-vos pelo bom conselho. O que desejais, eu dou para vós agora: de minhas cinzas tomai o anel para vós. Possa o fogo que me queima, libertar o anel de sua maldição! Dissolver a maldição no fluxo, e manter para sempre salvo o puro e cintilante ouro, cujo roubo trouxe tanto mal, é um dever. (Ela põe o Anel em seu dedo e toma então uma tocha das mãos de um dos homens) Voem para casa, corvos! Digam ao seu senhor o que vocês ouviram no Reno! Voem de volta ao rochedo de Brünnhilde, onde Loge ainda está chamejante, e mandem-no voltar ao Valhalla! Pois o crepúsculo dos deuses está agora iniciado. Vejam - eu lanço a tocha chamejante na gloriosa cidadela do Valhalla! (Joga a tocha sobre a pira. Dois corvos levantam voo e desaparecem atrás da cena. Brünnhilde volta para perto de seu cavalo) Grane, meu cavalo, salve para ti! Amigo meu, sabes tu onde eu te levarei? Brilhante fogo, aí, jaz teu patrão, Siegfried, meu abençoado herói! Estás relinchando, por queres seguir teu amigo? As chamas risonhas estão te fascinando? Sente então meu peito, como está queimando também! Chamas brilhantes estão se apossando de mim. Para abraçar-me a ele, tê-lo estreitado em meus braços, estar unida a ele pelo poder do amor! Rêia-hêia-rê! Grane! Saúda teu senhor! Siegfried! Siegfried! Vê! Tua esposa te saúda alegremente!

(Ela monta no cavalo alado e o faz ir para a pira ardente. O Reno extravasa suas águas pelos bancos em ondas poderosas trazendo à tona sobre sua crista as três filhas do Reno. Ao seu aparecimento, Hagen é tomado pelo terror).

Hagen - (Dirigindo-se aloucadamente para as águas) Deixai para mim o Anel!

(Woglinde e Wellgunde enredam e envolvem Hagen com seus braços e o levam para as profundezas do rio; Flosshilde segura com exultância o anel recuperado. A luz do fogo cresce para o alto até que as chamas são vistas envolvendo o Valhalla e os deuses, reunidos do modo que foi descrito por Waltraute, na segunda cena do Primeiro Ato).

Fim da Ópera.
